

MINISTÉRIO

Uma Revista para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA

NOV/DEZ 82



NÚMERO 6

MIL DIAS
DE
COLHEITA

ÍNDICE DE 1982

ÍNDICE

EDITORIAL

- Mil Dias de Colheita 3
Daniel Belvedere

ARTIGOS GERAIS

- Que é Sacrifício? 4
Mel Rees
Um Sonho Perturbador à Noite 8
João Rhodes

PREGAÇÃO

- Concluindo o Sermão 10
João Osborn

TEOLOGIA

- Antecedentes Para o Juízo Investigativo 13
Dr. Salim Japas
A Essência do Dispensacionalismo 15
Dr. Hans K. LaRondelle

SAÚDE E RELIGIÃO

- "Que Tenhas Saúde" 17
Dra. Irma B. Vyhmeister

A ESPOSA DO PASTOR

- "Arquive-me sob o item 'Miscelânea'" 19
Patrícia Maxwell
Orações da Casa Pastoral 20
Cherry B. Habenicht

- ÍNDICE DE 1982 20



O MINISTÉRIO ADVENTISTA

ANO 48 - Nº 6 NOV/DEZ 82

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa

Redator:
Naor G. Conrado
Diretor:
Arthur S. Valle
Colaborador Especial:
Daniel Belvedere
Colaboradores:
João Wolff

José C. Bessa
Alcides Campolongo
Severino Bezerra
Jéfte de Carvalho
Direção de Arte:
Erlo G. Köhler
Rogério Sorvillo Vieira

Diagramação:
Eli Silveira Campos

Assinatura Anual:
Cr\$ 1.200,00
US\$ 301,00

Esta revista acha-se registrada na DCDP do DPF sob nº 899 — P. 209/73

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista *O Ministério Adventista*, devem ser enviados para o seguinte endereço:
Caixa Postal 12-2600
70279-Brasília, DF

Capa:
Arquivo Casa

Editado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira,
Av. Pereira Barreto, 42 —
09000 - Santo André,
São Paulo

MIL DIAS DE COLHEITA

DANIEL BELVEDERE

Disse certa vez um veterano ganhador de almas que não batizamos mais pessoas porque não pedimos mais Aquele que prometeu: "Pedi, e dar-se-vos-á"; e não pedimos mais porque não cremos o suficiente. E é triste que, por não termos essa "fé como um grão de mostarda", também não nos entusiasmos por trabalhar no evangelismo com esse ritmo de *terminadores da obra*.

Essa era a opinião de um homem que podia estar certo, ou não. Seja como for, não estaria errado meditar e orar sobre esse assunto. Mas, o que começa a dar-nos uma nota de otimismo cristão é o plano traçado pela Igreja mundial que evidentemente demonstra uma reação saudável e positiva ao propor-se a batizar *mil almas cada dia* dos Mil Dias anteriores à próxima Assembléia da Associação Geral (desde 2 de outubro de 1982 até 29 de junho de 1985). Isto significa que nesse espaço de tempo nos propomos a batizar, pela graça de Deus, um milhão de almas como testemunho do amor redentor de nosso Senhor.

Qual tem sido a reação das Divisões de língua portuguesa e espanhola? As Divisões Interamericana e Sul-Americana aceitaram o desafio de contribuir, a primeira delas com 20% do alvo mundial, e a segunda com um alvo básico de 17% e um alvo ideal igual ao de sua Divisão irmã. Isto quer dizer que estamos orando e trabalhando para batizar de 37 a 40% do milhão de almas para Cristo até a próxima assembléia mundial.

Esta é realmente uma tarefa gigantesca, a qual transcende os limites da capacidade humana; cremos, porém, que encontramos o caminho para esta e outras realizações maiores ainda. Tal caminho pode ser expresso em pelo menos três pontos básicos:

1. Temos a filosofia: *Por Seu Espírito, semear, colher e conservar*. Sempre foi assim, só que Laodicéia deve despertar para a orientação indicada por Deus desde a antigüidade: "Não por força nem por poder, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos." Zac. 4:6.

2. Temos um objetivo específico: *Mil almas batizadas por dia durante os mil dias de colheita*. O importante é que, além dos alvos adotados pela Divisão, pelas Uniões e pelas Associações e Missões, cada distrito, cada igreja, cada pastor e cada crente ore e aceite sua parte neste objetivo evangelizador, fixando seu alvo de fé neste projeto.

3. Temos meios: O *Módulo Semanal*, formado pelas reuniões regulares da igreja, as quais foram estabelecidas para semear, colher e conservar. Organizemos as reuniões; demos a cada crente algo para fazer, algo que justifique assistir às reuniões, e façamos funcionar sabiamente todo o mecanismo missionário, desde a comissão de evangelismo e as unidades evangelizadoras até o evangelismo público e pessoal dos leigos e dos obreiros.

Perdoem-me, meus irmãos e conservos, que intercale aqui um segredo satânico que pode parecer anacrônico com o espírito destas reflexões. Refiro-me à receita para o fracasso que consiste em deixar a evangelização e a responsabilidade de alcançar os alvos em mãos do clero adventista, e mais especificamente ainda com aqueles considerados como profissionais da pregação, conhecidos entre nós com o título de evangelista. Se optarmos por esse caminho, não alcançaremos este alvo nem terminaremos a obra, porque no plano de Deus a evangelização deve tornar-se um *assunto pessoal* de todo crente. "E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo." Efé. 4:11 e 12. Num ato de Sua sabedoria e de Sua misericórdia, Deus decidiu entregar o ministério da reconciliação a cada crente, leigo ou obreiro. Queira Deus ajudar-nos a decidir de uma vez por todas realizar bem as coisas, constituindo-nos em parte vivente e ativa do corpo de Cristo, o qual "veio buscar e salvar o perdido" (S. Luc. 19:10), e que por Seu Espírito nos integremos com todo o vigor neste bom programa dos Mil Dias de Colheita. ❧

QUE É SACRIFÍCIO?

Este artigo foi adaptado de uma palestra apresentada na Convenção ASI de 1980 e publicado em ASI News, março de 1981. Usado com permissão.

MEL REES

Ex-Diretor de Mordomia e Desenvolvimento da Associação de Oregon, Estados Unidos.

Isso me preocupou durante anos. Eu era um negociante adventista razoavelmente bem sucedido quando um dia, ao estar sentado na igreja, ouvi o pregador falar sobre sacrifício e compreendi repentinamente que com dois carros, dois barcos, um trailer, uma bela residência e um refrigerador cheio de alimentos, eu não sabia absolutamente nada sobre sacrifício.

E assim, enquanto minha esposa servia o almoço aquele sábado, eu disse-lhe subitamente:

— Por que não vendemos tudo que temos, para investi-lo na Causa e terminar a obra? Pois, se o Céu é tão bom como dizemos, que estamos fazendo aqui?

Ela virou-se e perguntou:

— Que foi que motivou isso?

— Bom — disse eu — simplesmente assisti hoje à palestra so-

bre sacrifício e não conheço nada a esse respeito. E você?

Penso que se houvesse um esforço simultâneo para todos "venderem tudo, investirem-no na Causa, terminarem a obra e saírem daqui", eu provavelmente teria participado desse grupo. Entretanto, não podia ver por que devia desvencilhar-me do que era meu quando todos os outros conservavam o que era seu.



Peguei a palavra "sacrifício" e tornei a guardá-la no pequeno entalhe do computador IBM que Deus nos deu, chamado cérebro, e toda vez que a ouvia, não me preocupava com ela, pois não a entendia.

Tenho plena certeza de que o diabo quer que todos quantos possuem uma bela casa, um bom automóvel e alguns ternos no armário embutido tenham sentimentos de culpa. Pois um dos mais complicados problemas enfrentados pelo cristão de termo médio é a relação entre a prosperidade e o sacrifício. O problema é que o homem exerce os direitos que lhe foram dados por Deus; ele usa seus talentos e o tempo, e se torna bem sucedido. Então ele é constantemente bombardeado com sermões e artigos sobre o assunto do sacrifício. Ha alguns resultados muito estranhos. Primeiro ele dá liberalmente (mas ainda se sente culpado por não compreender a palavra sacrifício). Em segundo lugar, talvez rejeite a palavra completamente, porque teme a pobreza. Em terceiro lugar, ficará profundamente ressentido porque dar para a igreja significa sacrificar todas as coisas que ele adquiriu com grande esforço e poupou durante toda a sua vida. E, em quarto lugar, constitui um gravíssimo resultado se ele passa a considerar o sacrifício como se restringindo à doação de coisas materiais.

Sacrifício é Dar?

O texto que todos conhecem tão bem encontra-se no Salmo 50 verso 5. Tem sido usado em cartões de compromisso, formulários de entrega e pactos. Apresenta a vívida idéia de Cristo vindo nas nuvens do céu, chamando os santos e dizendo: "Congregai os Meus santos, os que comigo fizeram aliança por meio de sacrifícios." A inferência é que se fizermos uma grande contribuição ou doarmos uma propriedade, poderemos fazer parte dessa enorme multidão, e estaremos preparados para ouvir esse grandioso convite.

Se for correto que sacrifício significa a doação de coisas, então o sacrifício total significa um saldo equivalente a zero. Em outras palavras, dariamos tudo que temos. Isso não nos colocaria numa posição interessante? Não possuindo absolutamente nada, seríamos totalmente inúteis para nós mesmos, para nos-

Embora tudo pertença a Deus, há uma coisa sobre a qual Ele não exerce domínio algum — nossas escolhas e nossa vontade.

sas famílias, para nossa igreja, para a Causa. Na realidade, seríamos um fardo para o mundo, pois viveríamos à custa dos outros.

Além disso, nosso período de prova chegaria ao fim, pois nos é declarado que Deus nos prova neste mundo com coisas materiais. Em outras palavras, estamos lidando com coisas perecíveis para que Ele possa decidir se somos capazes de lidar com coisas imperecíveis. Deus não tem outra alternativa. O egoísmo foi o causador de tudo isso, e Deus não pode levar pessoas egoístas para o Céu de portas de pérolas e ruas de ouro. Eles introduziriam furadeiras em toda a parte!

Se sacrifício significa a doação de coisas, então Abraão, Isaque, Jacó, José, Daniel e muitas outras pessoas não fizeram um concerto com sacrifício, porque todos eles morreram como indivíduos muito abastados. No entanto, todos eles foram considerados dignos da vida eterna.

Sacrificar é Permutar?

Voltamo-nos para outra definição. Certo homem diz que sacrifício significa permuta. Em outras palavras, trocamos coisas com o Senhor por aquilo que Ele quer dar-nos. Entregamos-Lhe coisas perecíveis, e Ele nos concede coisas imperecíveis. Numerosas religiões falsas se baseiam nessa idéia de que se pode comprar a entrada ao Céu. Que faremos, porém, com os textos em que Deus diz: "O mundo é Meu, e quanto nele se contém?" Sal. 50:12. "Minha é a prata, Meu é o ouro, diz o Senhor dos Exércitos." Ageu 2:8. Que usaremos como material de permuta?

Aprendi algo sobre as permutas quando era bem novo. Eu residia numa zona rural, e no sítio não tínhamos muita coisa para

divertir-nos. Tínhamos, porém, algo de que sinto falta até hoje. Era o "dia da permuta". Não sei quem o iniciou. Foi alguma coisa que simplesmente aconteceu. Todo menino tinha uma caixa que ele guardava debaixo da cama ou no armário embutido. Ali eram guardados todos os seus tesouros: um canivete com a lâmina quebrada e um relógio que não funcionava, bolinhas adicionais (não a melhor, mas algumas outras). Tudo que podia ser colecionado ia para essa caixa. E então, um dia, alguém começava a fazer trocas. Nossos pais simplesmente desistiam de intervir. As plantações eram esquecidas e as vacas tinham de cuidar de si mesmas nesse dia; pois íamos de um lado para outro em toda a comunidade. Era fantástico!

Nesse determinado dia alguém começou a permuta. Não demorou muito, e fiquei todo excitado. Peguei minha caixa e partimos. Meu primo tinha um vidro de aumento. Eu nunca possuiria uma lente. Aquela uma era fantástica! Produzia duas ampliações diferentes, que podiam ser juntadas. Eu teria de possuí-la de todo o jeito!

Portanto, perguntei para ele: "Que você quer por ela, Carlos?"

Examinamos os meus pertences, e ele não viu nada que lhe agradasse. Ofereci-lhe toda a caixa. Não, não era isso que Carlos queria. Que será que era? Quando ele mencionou o objeto desejado, eu nem sequer sabia com quem poderia encontrá-lo. (Esqueci qual era esse objeto.) Prosegui, portanto, em minhas trocas e realizei uma porção de transações importantes aquele dia. Permutei e permutei até perto do pôr do Sol. Finalmente encontrei o que Carlos queria. Ao ir para casa, eu era o menino mais enlevado em toda aquela região. Tive duas semanas de pura e autêntica alegria. Um mundo novo abriu-se diante de mim. Pois cheguei a pegar uma pobre mosca indefesa e a examiná-la minuciosamente!

Então veio aquele dia fatídico em que minha mãe me mandou buscar alguma coisa na casa de minha tia. Enquanto eu estava sentado na sala, esperando, pus-me a examinar o dorso da mão com o vidro de aumento. Nesse instante chegou meu tio e perguntou:

- Que é isso que você tem aí?
- Uma lente.
- Posso vê-la?

Quando lhe entreguei a lente,

meu tio examinou-a cuidadosamente e indagou:

- Como você a adquiriu?
- Obtive-a de Carlos.
- Ela não é de Carlos; é minha.

E vi meu querido vidro de aumento desaparecer no bolso de meu tio. Daquele dia em diante tomei a firme resolução de certificar-me primeiro, antes de fazer uma permuta com alguém, de que ele é dono daquilo que está permutando!

Sacrifício e Concerto

Não achais que Deus é tão rigoroso como eu? Consideremos novamente Salmo 50:5: "Congregai os Meus santos, os que comigo fizeram aliança por meio de sacrifícios." Esta passagem está falando de um concerto ou aliança. Que é um concerto? É um acordo entre duas pessoas ou um grupo de pessoas, para fazer ou deixar de fazer certas coisas.

Deus disse para Abraão: "De ti farei uma grande nação. Serás como a areia na praia do mar. Dar-te-ei uma terra em posseção perpétua. Eu serei o teu Deus, e tu Me pertencerás." Abraão era riquíssimo, mas Deus não requereu o seu dinheiro, e, sim, sua dedicação.

Um dia, então, o Senhor disse a Abraão: "Quero teu filho." Se Ele tivesse dito: "Abraão, quero fazer-te uma proposta: dá-Me todo o teu dinheiro ou dá-Me teu filho", o que Abraão teria escolhido? O filho! Este era sua posse mais valiosa. Mas Deus não lhe deu outra alternativa. Depois daquela angustiante viagem ao monte Moriá, quando os anjos lhe detiveram a mão que estava para cravar o punhal no corpo palpitante de seu único filho, Deus disse: "Agora conheço o coração de Abraão, porquanto não Me negou o filho, o seu único filho." Se sacrifício significasse a doação de coisas, ele teria de haver matado o rapaz. Deus aceitou, porém, o fato de que estava disposto a fazê-lo. Creio que essa prova só provou a genuinidade da aceitação do concerto por parte de Abraão. Deus já sabia que ele seria aprovado. Agora *Abraão* sabia que foi aprovado.

Embora tudo pertença a Deus, há uma coisa sobre a qual Ele não exerce domínio algum — nossas escolhas e nossa vontade. Penso que Deus não teve outra alternativa senão colocar no jardim a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, porque o diabo

Penso que se houvesse um esforço simultâneo para todos venderem tudo, investirem-no na Causa, terminarem a obra e saírem daqui, eu provavelmente teria participado desse grupo.

O acusara de ser ditador e de obrigar as pessoas a adorá-Lo e a amá-Lo. Quando Ele pôs a árvore ali perante todo o Universo, eles ficaram sabendo que o diabo é mentiroso, pois o reino de Deus se baseia no amor. E o amor requer liberdade de escolha. É tão simples assim. Pode-se dar sem amar, mas não se pode amar sem dar.

Davi compreendeu isso belamente. Ele maculara sua notável carreira com uma sórdida mancha de adultério e assassinio, e agora seu amigo, o profeta Natã, veio falar com ele.

Disse Natã:

— Temos um problema.

Davi perguntou:

— Qual é?

— Conheço o grande e opulento proprietário de ovelhas ali adiante — aquele indivíduo que possui milhares e milhares de ovelhas? Bom, do outro lado da rua, defronte da casa dele, há um velhinho que mora sozinho. Um dia lhe deram uma cordeirinha. Esse animal não tinha mãe, e o velhinho nutriu-o como se fosse seu filho. Ela parava dentro de sua casa.

Davi ficou interessado e disse:

— Sim, prossiga.

— Bom, o grande proprietário de ovelhas recebeu algumas visitas, e resolveu oferecer carne de cordeiro no almoço. Adivinhe qual foi a cordeirinha que ele pegou para isso!

Davi levantou-se imediatamente do trono e declarou que a vida do rico responderia pela vida da cordeirinha. E então ele viu o profeta apontar o dedo para ele e dizer:

— O senhor é esse homem!

De repente Davi compreendeu a enormidade de seu pecado.

Compreendeu o que realmente havia feito. E, assim, ele implora no Salmo 51: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova dentro em mim um espírito inabalável." Verso 10. Estava suplicando perdão a Deus porque viu quão terrível é o pecado.

Diz o verso 16: "Pois não Te comprazes em sacrifícios, do contrário eu Tos daria; e não Te agradas de holocaustos." Se Natã houvesse declarado: "O Senhor ordenou que você Lhe ofereça 10.000 cordeiros", Davi teria afirmado: "Com prazer. Que tal 20.000?"

Coração Contrito

Mas Deus não deseja sacrifícios. O sacrifício que Ele deseja é o espírito quebrantado. "Coração compungido e contrito não o desprezarás, ó Deus." Verso 17.

Que significa espírito quebrantado e coração contrito?

Vovô era criador de gado e possuía uma fazenda perto de LaGrande. Certa vez eles estavam bem longe, diante dos contrafortes, quando viram em pé, sobre a colina, um enorme garanhão preto, o mais belo cavalo que já haviam visto. Cavalgaram até um lugar mais próximo, e ele permaneceu ali de cabeça erguida. Finalmente, bufando e dando coices, foi embora, acompanhado por uma manada de éguas. Os *cowboys* disseram que nunca tinham visto algo igual, e, assim, quando retornaram à fazenda, descreveram ao patrão esse majestoso cavalo preto.

Um dia o patrão cavalgou com eles até aquela região. Quando ele viu o animal, disse para os rapazes:

— Peguem-no! Esse cavalo será meu.

Depois de muito esforço, eles conseguiram capturar o garanhão preto. Prenderam-no com quatro cordas puxadas por quatro *cowboys*, e assim, rinchando, esperneando e dando pinotes, o cavalo acabou sendo conduzido à fazenda.

Agora alguém teria de cavalgá-lo. Eles lançaram sortes, pois todos os *cowboys* queriam montar naquele animal. O primeiro acomodou-se sobre ele. Soltaram o garanhão, e ele arremessou o *cowboy* para o alto, deixando-o suspenso no ar! O segundo, o terceiro, o quarto, o quinto — todo o pessoal experimentou, mas ninguém conseguiu permanecer em cima daquele cavalo.

O patrão começou a oferecer dinheiro, e quando ele elevou o prêmio a dois meses de salário, meu pai resolveu obter essa quantia. Ele tinha um plano em mente. Simplesmente montou e pôs as esporas por baixo da cilha (isto é, da faixa com que se aperta a sela). Assim ele não poderia cair. Colocou também nas mãos uma corda armada, de modo que pudesse dar um estalo entre as orelhas do cavalo se este se levantasse e se inclinasse para trás. No terceiro salto ele ficou com muita vontade de que suas botas se desprendessem! E quando meu pai chegou ao seu destino e o cavalo fugiu, ele estava vertendo sangue pelos ouvidos e o nariz. Teve de ficar na cama durante algumas semanas. Acho, porém, que não sofreu lesões permanentes, pois viveu até os 92 anos de idade.

O que esse cavalo tem em comum com cada um de nós? Um espírito rebelde e indomável, totalmente inútil para o homem; o desejo de fazer sua própria vontade e de correr após o vento. Nosso coração é exatamente assim — rebelde e indomável. O único sacrifício que podemos fazer para Deus é entregar-Lhe esse coração rebelde e indomável. "Coração compungido e contrito não o desprezará, ó Deus." Ele não o rejeitará.

Jeremias disse: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto." Jer. 17:9. No fim de sua vida, Paulo pôde declarar: "Combati o bom combate." II Tim. 4:7. Sobre que ele estava falando? Combater os romanos? os judeus? seus falsos irmãos? A quem Paulo estava combatendo? A si mesmo!

Não é essa também a nossa maior batalha? Nossa maior batalha é contra o próprio eu. E essa batalha contra nosso coração rebelde e indomável não é fácil. Isso é tudo que temos de sacrificar.

Sacrifício é Usar

Se considerarmos o sacrifício sob um aspecto diferente, creio que a questão ficará clara. Em vez de pensar em dar ou permutar, por que não pensar em usar? Isso seria completamente compatível com Deus, como Proprietário, e com o homem, como gerente ou administrador. Como dispenseiros, estaríamos constantemente recebendo, constantemente dispensando — sendo

Se for correto que sacrifício significa a doação de coisas, então o sacrifício total significa um saldo equivalente a zero. "Congregai os Meus santos, os que comigo fizeram aliança por meio de sacrifícios."

abastecidos pelos inexauríveis recursos do Céu. Seríamos dirigidos em nossos negócios pelos princípios que Deus deu em Sua Palavra, pelo senso da necessidade, pelas impressões que o Espírito Santo pode causar em nós. E sob essas condições poderíamos fazer parte da firma do Universo. Este conhecimento e compreensão de nossa relação como mordomos de Deus nos livraria do orgulho de ser proprietários, pois ele conduz à confiança em si mesmo, e esta leva inevitavelmente à autodestruição.

Deus não quer que destruamos a nós mesmos. Ele não quer que nos sintamos culpados no tocante às nossas posses, pois a mordomia tem que ver com elas. O problema não está em possuir, mas em dizer-se possuidor. Encaremos o sacrifício em seu sentido mais amplo.

Em Los Angeles a polícia prendeu um rapaz por assalto a mão armada. Quando seus pais foram chamados, eles sentiram as estranhas reações normais nesses casos: perplexidade, irritação e ira. Estavam perplexos, em primeiro lugar, por se encontrarem na delegacia de polícia. Depois se achavam perplexos por pensar no que diriam seus amigos. Também estavam perplexos porque tinham certeza de que seus nomes sairiam no jornal. Ficaram irritados porque isso desfizera seus planos para aquela noite. Estavam irados contra o filho porque ele os submetera a esse vitupério, e estavam irados contra si mesmos. Culpavam um ao outro pelo que acontecera. Quando foram postos diante do filho, ele olhou tristemente para o soa-lho ao receber dupla invectiva.

Finalmente sua mãe lhe perguntou:

— Por que você fez isso, Frederico? Nós lhe demos tudo. Toda vez que você dizia que precisava de alguma coisa, nós sempre a comprávamos para você. Demos-lhe tudo. Que mais poderíamos ter feito? Se necessitava de mais alguma coisa, por que não a pediu? Era só pedir. Você não precisava ter roubado.

Frederico ficou sentado por longo tempo e finalmente ergueu os olhos.

— *Realmente* querem saber o motivo? É verdade que me deram tudo — e até demais! Quando eu queria que papai jogasse bola comigo, ele dizia: "Não posso, Frederico. Estou muito ocupado. Olhe esta moeda de um dólar. Por que você não vai comprar alguma coisa com ela no bar ali em baixo? Está bem?" Quando eu queria que mamãe ficasse em casa, junto de mim, ela dizia: "Sinto muito, filhinho, mas tenho um encontro marcado para jogar cartas." Ou: "Seu pai e eu precisamos jantar com alguns amigos. Você compreende, não é mesmo? Pegue este dinheiro. Ouvi dizer que há um novo show no Paramount que realmente é fenomenal." Sim, eu compreendi. Pus-me a caminho. Mas o fato era que eu não queria dinheiro nem objetos. O que eu queria era a *vocês!* Eu precisava de *vocês!*

Como podeis ver, há algumas coisas que de modo algum podem ser substituídas pelo dinheiro.

Procuo imaginar como Deus Se sente quando às vezes Lhe entregamos displicentemente mais 5, 10 ou 20 dólares, dizendo: "Tu sabes, Senhor, que realmente estou ocupado, e tenho certeza de que estás inteirado de tudo isso. Tu labutaste neste mundo. Tu sabes como são as coisas. Tu compreendes, não é mesmo?"

O que realmente precisamos entender é a natureza de nosso concerto com Deus — nossa disposição para renunciar inteiramente a nós mesmos — ao tempo, aos talentos, a toda a nossa vida. É nisto que consiste o sacrifício.

Lembrai-vos de que se Jesus pudesse ter dado *coisas* por nossa salvação, poderia ter dado todo o Universo ou criado outros. Mas, isso custou-Lhe a vida. E é o que custará para nós. Pois é a única coisa que realmente possuímos. ■■

Um Sonho Perturbador à Noite

JOÃO RHODES

Secretário Ministerial da Associação Sudeste da Califórnia

Já acordastes à noite com a mente funcionando com toda a presteza, até parecer que a Inspiração vos inundou de pensamentos e palavras, confiando-vos o encargo de transmiti-los? Por duas noites consecutivas, recentemente, acordei preocupado com a aparente apatia pelo evangelismo público. Ao pensar nos pastores de nossa associação, lembrei-me de que muitos deles se destacaram como pastores-evangelistas bem sucedidos. Com efeito, foi o que sucedeu há uma ou duas gerações atrás. Agora, muitos de nós, homens de meia-idade, damos a impressão de haver perdido seu zelo. Na realidade, alguns estão dizendo: "Não tenho certeza de que o Senhor voltará em breve. Temos afirmado isso durante anos. O que precisamos fazer é viver diariamente de maneira correta, de modo que, seja quando for que Ele vier, estejamos preparados e esperando." A última declaração certamente é verdadeira, mas quando perdemos aquele fervor evangelístico, aquele anelante sentimento de aguardar a volta do Senhor, na verdade estamos negando nosso nome denominacional como Adventistas, pois é isso que ele significa. Somos "adventistas" porque cremos na breve volta de Jesus Cristo.

Muitos de nós podemos real-

mente dizer que esperávamos estar no Reino há muito tempo, mas a espera não deve induzir-nos a abandonar a Bendita Esperança. Quantas vezes pregamos sobre a Segunda Vinda, sobre o nosso Lar Celestial e sobre outras mensagens de esperança e decisão?

Talvez seja verdade que as pessoas estão "demasiado ocupadas" para apoiar o evangelismo. Visto que tanto os maridos como as esposas têm de trabalhar para sustentar suas famílias e para dar a seus filhos uma educação cristã, de fato estão muito ocupados. Acontece a mesma coisa com os ricos. Na realidade, quando estamos tão ocupados que não podemos testemunhar, tão ocupados que não podemos dedicar algum tempo para nosso Senhor, estamos mesmo *demasiado ocupados!* Será que a culpa, até certo ponto, recai sobre nossa falta de ênfase e liderança evangelística?

Acho que não precisamos lançar um fardo de culpa sobre nossos membros; de algum modo, porém, encontramos tempo para apoiar e promover outras proveitosas atividades de igreja. Será que nós, como disse um pastor, apenas estamos "massageando os santos", quando devíamos estimulá-los a praticar boas obras e impeli-los a estabe-

lecer prioridades em sua vida?

Muitos de nós pregamos boas mensagens homiléticas para nossas igrejas complacentes; quanto tempo faz, porém, que fizemos o último apelo para as pessoas aceitarem a Cristo e se unirem à Igreja remanescente?

De vez em quando ouço dizer que nossos evangelistas estão meio "por fora" ou que se encontram nas brenhas da antiguidade. A mensagem das profecias de Daniel 2, 7, 8, 9 e 12 ainda fala tão eloquentemente como há cem anos. Não é possível fazer muitas modificações nos pontos fundamentais do milênio, da segunda vinda, dos Estados Unidos na profecia bíblica, etc. Necessitamos de mais tato e bondade para com nossos amigos cristãos de outras denominações, e penso que progredimos muito neste sentido. Contudo, ao tratar de Apocalipse 13 e 17, não se pode deixar de mencionar quem é a Babilônia dos últimos dias. O problema é que muitos de nossos pregadores mais novos não estudam suficientemente essas passagens para discernir sobre elas, e muitos de nossos irmãos de mais idade não estão ensinando essas profecias para dar um exemplo aos pastores mais novos.

Por qualquer razão, não estamos produzindo homens com ze-



lo pelo evangelismo. Com efeito, numerosos aspirantes são ordenados e até labutam alguns anos no ministério sem realizar suas próprias cruzadas evangelísticas. No meu tempo, todos tínhamos de fazer isso, pelo menos de dois em dois anos e alternando as séries de conferências com um evangelista profissional.

Eu não sou o juiz, nem posso imaginar como Deus irá julgar-nos, mas suponho que Seu semblante assume um aspecto de tristeza quando deixamos de dar ênfase ao evangelismo público e à conquista de almas.

Uma noite fui a uma igreja cheia de gente para ouvir Kenneth Lacey falar do lar dos remidos. O grande número de pessoas presentes evidenciava que o tempo do evangelismo não passou. Aí estava uma igreja apoiadora, um pastor que cumpria seus deveres e uma mensagem apresentada com clareza. Meu coração ficou emocionado quando uma jovem de vinte e poucos anos entrou chorando na sala do pastor, dizendo: "Quero ser batizada!"

Algumas semanas atrás, ouvi uma clara mensagem em espanhol, em San Ysidro. Não consegui entender tudo que foi dito, pois meu espanhol é "poquito", mas compreendi o suficiente para ter uma sensação de entusias-

mo por um milênio com meu Senhor. E na hora do chamado ao altar vi o povo vir à frente para atender ao apelo.

Um pouco mais tarde, foi igualmente emocionante ver um pastor da Samoa americana pregar esta mensagem vestido num típico traje samoano — saia e pés descalços. O resto de seu vestuário tinha um aspecto usual. O coral de jovens samoanos cantou de modo inspirador, embora eu não compreendesse uma só palavra cantada por eles. Pensei então que Deus devia estar sorrindo lá no alto ao ouvir as orações e sentir a convicção desses auditórios ao escutarem a pregação de nossa mensagem.

Emocionei-me ao ver o grande número de ouvintes e ser informado dos resultados da recente cruzada evangelística de Helvius Thompson entre as pessoas de cor, de San Diego. Mais de cinquenta novas almas se regozijam na mensagem.

Não, o evangelismo não está morto! Nós talvez estajamos, mas ele não. Jesus disse: "Portanto ide, ensinai todas as nações." S. Mat. 28:19, Almeida, antiga. Atendamos a Seu apelo para evangelizar. Jovens, pondevos em marcha. Homens de mais idade, retornai a vosso primeiro amor. Queremos ir em breve para o Lar! ❧

UMA OBRA QUE NÃO HÁ DE SE DESFAZER

"Os ministros não devem sentir que sua obra está completa, enquanto os que aceitaram a teoria da verdade não compreenderam realmente a influência de seu poder santificador, e se acharem deveras convertidos. Quando a Palavra de Deus, como uma aguda espada de dois gumes, penetra o coração e desperta a consciência, muitos pensam que isto é o bastante; o trabalho, porém, apenas começou. Fizeram-se boas impressões, mas a menos que elas sejam aprofundadas mediante esforços cuidadosos, corroborados pela oração, Satanás as anulará. Não fiquem os obreiros satisfeitos com o que foi conseguido. O arado da verdade deve sulcar mais fundo, o que certamente acontecerá, se forem feitos esforços completos para dirigir os pensamentos e estabelecer as convicções dos que estão estudando a verdade.

"Muitas vezes o trabalho é deixado incompleto, e em muitos desses casos fica em nada. Por vezes, depois de um grupo de pessoas haver aceito a verdade, o ministro pensa que deve seguir imediatamente para novo campo; e às vezes, sem devida investigação, recebe autorização para partir. Isso é um erro; ele deve findar o trabalho começado, pois, deixando-o incompleto, faz-se mais mal do que bem. Campo algum é tão pouco promissor como aquele que foi cultivado o suficiente para dar ao joio um mais luxuriante desenvolvimento. Por esse método muitas almas têm sido abandonadas a serem esbofeteadas por Satanás e a oposição de membros de outras igrejas que têm rejeitado a verdade; e muitos são impelidos até a um ponto onde nunca mais poderão ser alcançados. É melhor que o ministro não se meta na obra a não ser que ele possa completar inteiramente o trabalho." E.G. White, Evangelismo, pag. 323.

A restauração final que Deus realiza em Cristo é o resultado do amor eterno e infinito do Criador.

Concluindo o Sermão

JOÃO OSBORN

Já falecido. Foi secretário ministerial da União do Pacífico, Estados Unidos.



Todas as considerações sobre o preparo do sermão e sobre a pregação, em artigos anteriores desta série publicados na revista *Ministry*, convergiram para a importantíssima parte de todo o processo — a conclusão.

Se um vendedor faz uma apresentação impressionante, mas não consegue que a pessoa visitada por ele coloque o nome no contrato, ele não realizou muita coisa. E, a não ser que a conclusão de vosso sermão o focalize de tal maneira que vossa congregação seja levada a adotar a ação preconizada por ele, também não realizastes muita coisa. É aí que convidais as pessoas a assinar na linha pontilhada.

Que acontece, porém, com muitos pregadores nesse ponto do preparo de seu sermão? O tempo está-se esgotando, e eles têm de pregar. Portanto, escrevem rapidamente algo que sirva de conclusão. Acho que nada é mais insensato do que não tomar tempo para o verdadeiro propósito do sermão — sua aplicação ao ouvinte. No entanto, eu fiz isso dezenas de vezes! Se não quereis admitir a mesma coisa, certamente é porque eu sou mais sincero do que vós!

Este artigo se baseia numa gravação do último simpósio sobre pregação expositiva realizado pelo autor.

A conclusão, idealmente, deve conter quatro partes: 1) uma frase objetiva; 2) um breve resumo ou sumário; 3) um apelo; e 4) uma ou mais frases finais. É assim que deve ser a conclusão. Consideremos agora cada uma dessas partes e descobramos qual é o seu significado.

A primeira parte — a frase objetiva — tem dois elementos importantes: *portanto* e *deveis* (ou *devemos*). A palavra “portanto” diz respeito aos argumentos fundamentais do corpo do sermão.

A palavra “deveis” (ou convém que) coloca sobre os ouvintes a obrigação de fazer alguma coisa com o que acabam de ouvir. A frase objetiva pode dizer mais ou menos o seguinte: “Em vista de tudo que eu disse no sermão, convém que façais isto e aquilo.”

Vejamos como estes elementos se ajustam ao nosso sermão sobre S. João 17, que temos usado como ilustração nesta série de artigos. A proposição deste sermão é: “A Igreja pode ter eficaz relação com o mundo.” O pregador apresentou razões para isso. Ele mostrou ao povo como a Igreja pode ter eficaz relação com o mundo. Agora, ao chegar à conclusão, ele está alcançando o alvo. Lançou seu projétil, o qual percorreu as principais divisões e subdivisões do sermão. Agora irá atingir o centro do alvo e fazer a aplicação às

pessoas. É nesse ponto que se deve prover uma resposta para a pergunta: “Que desejo que estas pessoas façam?” Havendo determinado a resposta a essa interrogação, o pregador usa o elemento da frase objetiva da conclusão — *portanto* e *deveis* (ou *devemos*) — para apresentar as reivindicações do sermão. “Portanto, como ministros cristãos, devemos desenvolver em nossa própria experiência esta eficaz relação com o mundo.” “Portanto, como membros desta congregação, devemos desenvolver em nossa própria vida esta eficaz relação com o mundo. Estais separados do mundo e, não obstante, ligados a ele? Não pertenceis ao mundo mas procurais comunicar-vos com ele? É o que deveis fazer.”

Como podeis ver, todos esses pontos de vosso sermão se tornam obrigações que inculcais a vossos ouvintes ao chegardes à conclusão de vosso sermão. A frase objetiva diz à congregação o que ela deve fazer sob o aspecto da proposição do sermão. E é por isso que a frase objetiva da conclusão sempre deve unir o conceito básico da proposição (a parte do sermão que aponta para o alvo) com as idéias enunciadas pelas palavras *portanto* e *deveis* (ou *devemos*) — o verdadeiro ponto de impacto. “Portanto, como jovens...” “Portanto, como pregadores...” “Portanto, como

membros da igreja deveis fazer isto e aquilo." Esta é a frase objetiva.

Um jovem pregador que tinha ouvido a apresentação destas idéias acerca do preparo do sermão, veio ter comigo alguns meses mais tarde e disse: "Minha esposa está ficando deveras enfadada de ouvir eu terminar todo sermão com as palavras: *portanto e deveis* (ou *deveremos*)."

— Não a culpo por isso — repliquei. — Eu faria a mesma coisa.

— Mas o senhor recomendou que eu procedesse assim!

— Não, não o fiz — protestei. — Eu lhe disse que sempre tivesse essas palavras em seu esboço e usasse a idéia. Mas há muitos sinônimos para elas. Não é necessário dizer todas as vezes a mesma coisa, como se fosse uma fórmula!

A frase objetiva deve ser seguida de um breve resumo ou sumário dos principais pontos do sermão. Deve ser breve, pois a própria conclusão tem de ser breve. Não convém apresentar material novo na conclusão. Quantas vezes, ao pregar, nos advém um brilhante pensamento novo ao estarmos concluindo o sermão! Não nos lembramos disso a tempo e, portanto, o inserimos na conclusão! Esta não é a finalidade da conclusão. Fazê-lo é inoportuno e invalida o objetivo que se tinha em vista. Quando estiver na hora de parar deve-se proceder inteligentemente, e assim esta parte do sermão requer muita reflexão.

A conclusão é basicamente a junção dos fios do sermão. Talvez eu devesse dizer que ela é a concentração dos principais raios do sermão num só ponto, assim como, quando éramos crianças, pegávamos uma lente e a segurávamos de tal modo que os raios solares, atravessando-a, se concentravam num pedaço de papel e faziam ali um pequeno orifício marrom. É isto que precisa ser efetuado com a conclusão. Os pontos principais têm de ser reunidos para formar um foco bem definido. É como se fosse colocada uma lente diante das informações dadas, fazendo com que tenham forte aplicação ao coração das pessoas. Isto pode ser realizado por meio do sumário ou da recapitulação. Não é preciso seguir todas as vezes o mesmo processo, mas convém avivar aquilo que se disse, na

A frase objetiva deve ser seguida de um breve resumo ou sumário dos principais pontos do sermão.

memória dos ouvintes.

É interessante notar que há divergências a esse respeito entre as pessoas versadas em homilética. Diz uma delas: "Uma boa conclusão não inclui um sumário. Este olha para trás, e na conclusão não se olha para trás. Se quereis estragar um bom sermão, sintetizai-o." Outra declara em sentido oposto: "O pregador pode considerar corretamente que se as afirmações e os pontos principais merecem ser usados, também merecem ser repetidos. Muitas conclusões são deveras eficazes quando a memória dos ouvintes é avivada por uma recapitulação dos pontos principais."

Tanto de um lado como do outro, pode-se estar em boa situação homilética. Creio que a posição intermediária é a melhor. Sumariar sempre tornar-se-ia muito monótono. É fantástico como nossos membros, embora não sejam peritos no preparo de sermões, quase podem predizer o que ireis dizer em seguida e como o fareis. Depois de haverdes estado com eles durante algum tempo, ficam familiarizados com vosso estilo e técnica de falar em público. Talvez não conheçam todos os princípios detrás do que fazeis, mas é provável que digam a si mesmos: "Note! É dessa maneira que ele irá terminar. Sempre costuma fazê-lo desse modo." Recomendo, portanto, que nem sempre useis o método do sumário. Mas sumariar de vez em quando é bom.

Outro método de focalizar os pontos do sermão para os ouvintes é pela aplicação. Conquanto tenha sido efetuada uma aplicação depois de cada ponto principal, pode haver uma aplicação no fim, e amiúde convém fazê-la. Naturalmente, alguns entendidos em homilética creem que a conclusão pode ser debilitada por demasiadas aplicações no corpo do sermão. Afirmam que

pela má distribuição da impressão, perde-se toda a impressão, e que se houver demasiada aplicação na parte principal do sermão, não haverá nada para ser aplicado na última parte.

Penso que tais conceitos são parcialmente corretos e parcialmente errados. Ao delinear-mos nossa aplicação e planejarmos nosso sermão, devemos ver tudo isso em perspectiva e olhar ponderadamente para a conclusão, perguntando: "Como esta aplicação na conclusão se relaciona com as que fiz no corpo do sermão?" Não se pode ver isso se não se gastar tempo para desenvolver a conclusão. Se houver quatro pontos principais no sermão, haja quatro pontos secundários na conclusão que se apliquem um após o outro ao ouvinte individual.

O importante é juntar os fios. Focalize-se intensamente a grande verdade apresentada. Torne-se bem claro o que se quer realçar, e eles compreenderão o que se deseja que façam.

Ao serem focalizados os pontos principais do sermão e ao se tornar claro qual deve ser a resposta dos ouvintes, passar-se-á com naturalidade para o terceiro elemento da conclusão — um apelo para ação. Ele pode ser direto ou indireto. Neste ponto a persuasão sempre é importante, e se for usada alguma ilustração esta sempre deve ser de tal natureza que fale ao coração.

Quando Pedro terminou seu sermão no dia de Pentecostes, as pessoas perguntaram: "Que faremos, irmãos?" Suas palavras causaram um impacto. Ele levou o povo à ação: "Arrepentide-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo." Atos 2:37 e 38.

A atitude do pregador bem como o que ele diz são importantes nesse ponto. É muito melhor que o Espírito Santo faça com que os ouvintes fiquem eternecidos do que o pregador procurar fazer isso por meio de processos psicológicos ou histórias emocionais.

Há poder nos apelos emocionais, e alguns pregadores têm a tendência de usar esse poder. Quando eu era pastor de certa igreja, veio pregar ali um orador visitante que estava angariando dinheiro para determinado projeto. Antes que ele chegasse, disse-me o presidente da Associação: "Isso é um empreendimento particular, e não deve ser arrecadada nenhuma oferta ofi-

cial nas igrejas para promovê-lo." Mencionei este fato para o orador, e sua resposta foi a seguinte: "Está bem. Não preciso pedir que seja arrecadada uma oferta. Tenho algo que levará as pessoas às lágrimas."

Muitos atendem a apelos emocionais. Não estou dizendo que não deves usar a emoção. Ela constitui um legítimo meio de apelo. Mas os pregadores devem ser extremamente cuidadosos na maneira de usá-la. Qual é a motivação? Qual é a base? O apelo deve ser feito no contexto de profundo fervor e integridade. O espírito do pregador deve estar imbuído de honestidade e sinceridade. Não há lugar para imposturas.

Há outras motivações de que o pregador pode lançar mão. Carlos Koller, em seu livro *Basic Appeals to Preaching*, menciona cinco: altruísmo ou bondosa consideração para com os outros; aspiração, o anseio universal por felicidade espiritual e pelo senso de inteireza; curiosidade, a suscetibilidade humana para o que parece ser novo, desconhecido ou misterioso; dever, o impulso divino para fazer algo porque é correto; amor, a afeição que sentimos pelos outros, por Deus e às vezes até por nós mesmos (há uma espécie de amor-próprio que é salutar); e medo. Este não é de modo algum o incentivo mais elevado, mas é legítimo. Nosso Senhor apelou para ele? Sim, com certeza. "Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno." S. Mat. 5:29.

Ao fazer o apelo, os pronomes se tornam muito importantes. Usai os pronomes "vós" e "nós". Inclui-vos nele. O apelo não é somente para vossa congregação, mas para vós e para eles. Ele deve ser muito subjetivo. E isto, naturalmente, requer diligente estudo e oração.

O apelo pode ser feito de muitas maneiras. Nem sempre precisa tomar a forma de um convite que requeira uma resposta visível. Conheço alguns pastores que sempre terminam com um apelo para as pessoas responderem vindo à frente. Alguns fazem isto belamente. Outros fazem-no mui desajeitadamente. Nalguns lugares tal apelo é muito eficaz, noutros não. Se for bem realizado, penso que é bom. Não acho, porém, que seja uma forma inalte-

Ao fazer o apelo, os pronomes se tornam muito importantes. Usai os pronomes "vós" e "nós".

rável que todo pregador tenha de adotar em todos os lugares. Um apelo pode ser poderoso e eficaz para produzir modificações mesmo que não requeira uma resposta visível da parte dos ouvintes.

Sei que alguns pregadores pensam que o apelo não deve ser muito bem planejado com antecedência. "Eu deixo isto a cargo da inspiração do Espírito Santo no momento preciso", dizem eles. Creio que há ocasiões em que podemos fazer isso. Penso que há ocasiões, quando estamos diante do púlpito, em que o Espírito Santo realmente nos ajuda a saber qual a direção que devemos tomar. Penso também que há ocasiões em que planejamos tão meticulosamente o que iremos dizer e nos apegamos tanto a essa forma estereotipada que o Espírito Santo não pode guiarnos. No entanto, creio também que às vezes nos apegamos ao Espírito Santo como desculpa de nossa relutância em envidar o esforço requerido pela preparação adequada.

É caso do jovem pregador que disse a um famoso evangelista alemão: "Eu nunca me preparo antes da hora de colocar-me diante do púlpito. O Espírito Santo sempre me revela o que devo dizer. Ponho-me diante do púlpito, abro a Bíblia, e o Espírito Santo me dá o sermão." O grande evangelista replicou: "Isso é maravilhoso. Na realidade, o Espírito Santo nunca me falou dessa maneira. Às vezes, porém, quando estou diante do púlpito — em geral no fim do sermão — Ele me diz o seguinte: 'Klaus, hoje você foi preguiçoso. Não se preparou devidamente.'"

O Espírito Santo pode introduzir todo o sermão em nosso cérebro sem nenhum esforço de nossa parte, mas geralmente não o faz.

A frase ou as frases finais

constituem a última parte da conclusão. Carlos Brown, ex-decano da Faculdade de Teologia da Universidade de Yale, recomenda que as últimas três frases do sermão sejam muito bem preparadas, escritas por extenso e decoradas. Isto evitará que haja incerteza ou hesitação quando chegar o momento de parar. As rodas do sermão devem baixar de maneira tranqüila e bela, concluindo o vôo com uma suave aterragem.

Depois de proferir a frase ou as frases finais, deve-se parar de falar! Alguns pastores não sabem quando terminar. Nunca se deve dizer: "Para terminar..." ou "Terminando..." e então ficar divagando durante mais cinco minutos. A congregação perdoará muitos erros homiléticos, mas não relevará isso. Não se deve manifestar hesitação e incerteza. Conclui o sermão e sentai-vos! ■■

SANTIFICAÇÃO E VIDA PRÁTICA

"Não deve o homem somente ler a Palavra de Deus, supondo que o conhecimento casual dessa Palavra produza nele uma reforma de caráter. Esta obra pode realizá-la tão somente Aquele que é o caminho, a verdade e a vida. Certas doutrinas da verdade podem ser firmemente defendidas. Podem ser repetidas uma e outra vez, até que os seus detentores pensem que em realidade estão de posse das grandes bênçãos que estas doutrinas representam. Mas as maiores e mais poderosas verdades podem ser esposadas, e não obstante, serem mantidas no átrio exterior, onde pouca influência exercem para tornar robusta e fragrante a vida cotidiana. A alma não é santificada pela verdade que não é praticada." E.G. White, *Evangelismo*, pag. 290.

Antecedentes Para o Juízo Investigativo

DR. SALIM JAPAS

Diretor do Departamento de Religião
do Colégio Antilhano

I. Idéias Acerca do Juízo

No Antigo Testamento a *Santidade de Deus* torna-se explícita para nós por meio de Sua justiça (Gên. 18:25; Sal. 94:2) e a *Soberania de Deus* é manifestada na administração da justiça em que juízo retribuidor e honradez na administração do juízo se evidenciam como próprios de Sua natureza, de Sua majestade e de Sua santidade (Isa. 5:16; Deut. 32:4).¹ No Antigo Testamento a *idéia de juízo*, que se delinea a partir dos verbos *mischpat* e *din*, tem um sentido jurídico diferente do que lhe damos hoje, pois o ato de *julgar* está unido à noção de aliança. Julgar é proceder para que a aliança perdure, e juízo, neste caso, significa para Israel salvação, vitória e libertação alcançadas pela intervenção do "Supremo Juiz", O qual julga a Seu povo no duplo sentido de vindicá-lo perante seus inimigos e de castigá-lo quando for necessário. (Deut. 32:36; Isa. 30:18; Jer. 30:11; Sal. 135:14; 7:7; 9:4; 110:6).²

Há quatro aspectos gerais do *Juízo Divino* que chamam nossa atenção e que descreveremos sucintamente:

1. A justiça que denominaremos *administrativa* é realizada por Deus, usando como intermediários a juizes humanos. Esta justiça é principalmente de natureza investigativa.

2. O *juízo sobre as nações* que o "Supremo Juiz" efetua utilizando a líderes pagãos ou nações pagãs para executar Suas sen-

tenças. Neste caso o juízo é principalmente de natureza executiva.

3. A *revisão no juízo* da conduta exterior e da atitude interior dos filhos de Deus, que Ele mesmo realiza.

4. As *três instâncias* ou momentos que ocorrem sucessiva ou simultaneamente em todo julgamento divino.

II. A Justiça Administrativa

Há duas palavras hebraicas que atualizam as idéias de juízo (*mishpat*) e justiça (*din*). (O verbo *shapat* expressa a idéia de "governar", "julgar".) Estudos semânticos recentes parecem confirmar a idéia de que *din*, na maioria dos casos de sua ocorrência, indica o ato de julgar do Juiz, ao passo que *mishpat* é a decisão ou o veredicto emitido pelo Juiz.³ As duas palavras hebraicas mencionadas são igualmente exaradas a respeito de Deus como Juiz de Israel e de todo o mundo. (Sal. 36:6; Gên. 18:25; Sal. 94:1-15; I Crôn. 16:33.)

Pois bem, é de Deus, o Supremo Juiz, que os juizes humanos derivam seus poderes para julgar. (II Crôn. 19:4-6; Deut. 1:17.) A ação de julgar não foi prerrogativa exclusiva de determinada classe de homens e mulheres. Sacerdotes, profetas e funcionários se assentaram para julgar o povo. Os primeiros governadores de Israel eram conhecidos como "juizes" e o fizeram como instrumentos de Deus. (I Sam. 28:6; Jui. 3:9 e 10; 4:4 e 5.)

Cumpra observar que os juizes humanos que administram essa justiça não são títeres executando mecanicamente as decisões divinas. Eles fazem uso de sua própria inteligência em atos de reflexão e interpretação, e apelam para a *investigação* e para o *juízo*, a fim de chegar a sentenças que depois são *executadas* em forma de sentenças judiciais. (Êxo. 18:13-16; Lev. 24:10-16; Núm. 12:1-15; Jos. 7:1-26).⁴

III. Juízo Executado Sobre as Nações

Os exemplos bíblicos são suficientes para sustentar o princípio de que Deus "remove reis e estabelece reis" (Dan. 2:21) e fixou para as nações "os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação" e "estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça" (Atos 17:26 e 31). Por meio da Assíria puniu a Jerusalém e Samaria (Isa. 10:5); por meio de Nabucodonosor castigou a Judá (Jer. 25:4-12); e por meio de Ciro, o qual é "pastor" e "ungido" de Deus, castiga a Babilônia (Isa. 44:28; 45:1). Estes poderes pagãos provavelmente desconheciam que foram os agentes divinos para executar o juízo inapelável da justiça divina. A execução do juízo sobre as nações nem sempre é realizado por intermédio de meios políticos; às vezes Deus destrói as nações por meios sobrenaturais.

IV. Revisão em Juízo da Conduta dos Filhos de Deus

Temos provas indubitáveis da relação soberana que Deus manteve para com o homem e de Suas intenções de visitar em juízo toda rebelião do ser humano. A expulsão de Adão do Éden, o extermínio quase total da raça humana no Dilúvio e a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra demonstram a existência de uma Lei divina. Em todos esses casos, como em outros posteriores, a graça reinou por meio da justiça, e a justiça se tornou explícita na forma de juízo. É com base na contínua revelação de Deus que em Seu juízo os pecadores são indesculpáveis (Rom. 1:18-20).

A Escritura insiste em que a atitude interior do *homem crente* e suas ações visíveis serão revisadas no juízo por Deus (Ecles. 12:13 e 14). A asseveração de

Paulo: "Quem me julga é o Senhor" (I Cor. 4:3-5) confirma a declaração de que "importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo" (II Cor. 5:10), no dia em que o Senhor "julgar os segredos dos homens" (Rom. 2:16) e "as obras de cada um" (I S. Ped. 1:17).

As Escrituras, como acabamos de ver, ratificam a esperança do juízo introduzindo nele um fator moral, mas a *base essencial* de todo juízo divino é o zelo do Senhor que olha por Sua glória e pela santificação e vindicação de Seu Nome (Isa. 48:9-11 e 18). A responsabilidade individual se baseia no caráter moral do castigo e da retribuição. (Amós 5:14 e 15; Isa. 5:8-25; S. Mat. 12:36 e 37.)

Um exemplo que não deve ser olvidado e no qual é patenteada a atitude divina em revisar a conduta, é o de Davi, que, com frases cheias de patético colorido, descreve no Salmo 139 o que ele conseguiu captar da revisão de sua vida no juízo efetuada pelo "Juiz de toda a Terra".

V. As Três Instâncias no Juízo

Demorada observação nos permite identificar três instâncias ou momentos judiciais em toda revisão em juízo, quando Deus julga a conduta do crente. Por motivos de conveniência usaremos a terminologia sugerida por Berkhof ao descrever essas instâncias. Chamaremos a primeira de *juízo investigativo* ou *cognitio causae*, visto ser ali que Deus toma conhecimento da história do homem, incluindo seus pensamentos e as intenções mais íntimas do coração. Não é que Deus mesmo necessite da investigação para estar informado. Ele é onisciente; no entanto, em Seu trato com os seres humanos, tem usado e usa uma metodologia que parece ser mais adequada e se torna mais clara para o homem.

O caráter do juízo investigativo que atribuímos ao tribunal divino de Daniel 7:7-14, convocado para tomar conhecimento da causa que envolve o povo de Deus, se justifica. Os muitos exemplos do Antigo Testamento em que Deus mesmo faz um "juízo investigativo" constituem um admirável antecedente para justificar a posição que estamos descrevendo. O primeiro "juízo investigativo" mencionado na Bíblia é o de Adão e Eva, e embora, como já mencionamos, Deus seja onisciente, *desceu para in-*

Temos provas indubitáveis da relação soberana que Deus manteve para com o homem.

vestigar a conduta do primeiro casal (Gên. 3:8-19).

Notai a sucessão de perguntas feitas por Deus, tendentes a investigar a conduta do primeiro par: "Onde estás?" "Quem te fez saber que estavas nu?" "Que é isso que fizeste?" (Gên. 3:9-13). Esta "investigação" divina da conduta de Adão se torna paradoxal quando a esquadrimos a partir de uma lógica humana que afirma a onisciência, mas não é paradoxal se procurarmos, justificá-la a partir da expiação. Depois da investigação vem o *juízo* em que Deus mesmo proclama a sentença e então a *executa* (Gên. 3:13-19). Outro juízo investigativo com aspectos semelhantes ao anterior ocorreu por motivo da criminoso conduta de Caim (Gên. 4:8-15).

Tanto no Dilúvio como no caso da torre de Babel, Deus "desceu para ver" (Gên. 6:9-22; 11:5-9). O caso de Sodoma e Gomorra é concludente. Observe-se que Jeová disse: "*Descerei, e verei* se de fato o que têm praticado corresponde a esse clamor que é vindo até Mim; e, se assim não é, sabê-lo-ei." Gên. 18:21. Depois, no diálogo com Abraão, este diz ao Senhor: "Destruirás o justo com o ímpio? ... Não fará justiça o Juiz de toda a Terra?" Gên. 18:23 e 25.

A existência de "livros" em relação com o juízo testifica em favor de uma investigação, e embora a expressão "juízo investigativo" não apareça nas Escrituras, o próprio conceito permanece firme. É digno de nota que as únicas sete referências a livros relacionadas com o juízo, que aparecem no Antigo Testamento, se aplicam ao povo de Deus. (Êxo. 32:32; Sal. 56:8; 69:28; 139:16; Dan. 7:10; 12:1; Mal. 3:16.)

A sucessão temporal que ocorre entre o *cognitio causae* ou "juízo investigativo" e a *sententiae executio* ou "execução do juízo", em alguns casos específicos de revisão em juízo da conduta, se dramatiza na liturgia do Santuário com o Dia da Expiação ou *Yom Kippur*. (Lev. 23:27-32; 16:30-34; Heb. 10:25-30; Dan. 8:14.)

Entre as duas últimas instâncias mencionadas — juízo investigativo e juízo executivo — há uma instância intermediária que chamaremos de "*juízo judicativo*" ou *sententiae promulgatio*. Berkhof não se equivoca quando afirma que haverá uma "promulgação da sentença", e esta promulgação tem caráter universal, de modo que a justiça divina, o caráter de nosso Deus, fique vindicado em sua totalidade, e então a justiça e a graça de Deus brilharão em todo o seu esplendor por toda a eternidade.

A restauração final que Deus realiza em Cristo é o resultado do amor eterno e infinito do Criador, cuja expressão culminante é a Cruz. A morte de Cristo foi o argumento irrefutável do amor divino em favor do homem, porque a penalidade da Lei divina caiu sobre o próprio Deus, e assim ficou demonstrado perante o Universo que Deus é justo e que justifica a todos os que crêem em Jesus.⁵ Portanto, a promulgação cósmica da sentença judicial em que se condena o pecador, se justifica o pecador e se vindica a Deus, ocorre inauguralmente na Cruz do Calvário, ao passo que se consumará no fim dos tempos, como o antecipa a Revelação, começando em 1844 com o juízo investigativo, durante o milênio com o judicativo e culminando com o executivo no fim do milênio. (S. Mat. 19:28; I Cor. 6:2 e 3; Colos. 2:13-15; Dan. 7:7-14; Apoc. 20:11-15.)⁶ ■

Referências

1. Ver Artur Wainwright, *La Trinidad em el Nuevo Testamento*, Secretariado Trinitario, Salamanca, pág. 129 e seguintes.
2. Ver Juan Jacques von Allmen, *Vocabulario Bíblico*, Edición Marova, Madri, 1968, Art. Juicio.
3. Ver G. J. Botterweck e Helmer Ringgren, *Theological Dictionary of the Old Testament*, Wm. B. Eerdmans Publ. Co., Grand Rapids, Mi., 1978, vol. 3, págs. 187-194.
4. Ver J. M. Furness, *Vital Words of the Bible*, Wm. B. Eerdmans Publ. Co., Grand Rapids, Mi., 1966, págs. 79 e 80.
5. Ver Salim Japas, *Cristo en el Santuario, PPPA, Mountain View, California, 1980*, págs. 93-114.
6. Ver L. Berkhof, *Teologia Sistemática*, Wm. B. Eerdmans Publ. Co., Grand Rapids, Mi. 1974, pag. 880.

A Essência do Dispensacionalismo

DR. HANS K. LaRONDELLE

Professor Associado de Teologia na Universidade Andrews

O dispensacionalismo como sistema de interpretação das Escrituras pode ser melhor compreendido contra o fundo de sua origem histórica no século dezoito. A João N. Darby (1800-1882), um dos principais fundadores do Movimento dos Irmãos Plymouth na Inglaterra, é atribuído o desenvolvimento de um novo sistema de interpretação teológica não conhecido anteriormente na história do pensamento cristão. Clarence B. Bass, que a princípio fora dispensacionalista, descobriu na doutrina de Darby sobre a Igreja, em sua pesquisa doutoral, "um básico padrão hermenêutico de interpretação que difere consideravelmente do da fé histórica".¹

Bass declara em seu estudo histórico: "Darby introduziu não somente novos conceitos na teologia, mas também um *princípio de interpretação* completamente novo. Ele mesmo admitiu que esse princípio fora ocultado à Igreja por dezenove séculos, e então revelado só a ele."²

Esse novo princípio era um literalismo aplicado estritamente na interpretação da Bíblia e resultando em acentuada separação entre "Israel" e a "Igreja", e entre as "dispensações" da lei e da graça.

Bass infere: "Seja qual for a avaliação que a História faça desse movimento, ela atestará que o dispensacionalismo se baseia no conceito de Darby sobre a Igreja — um conceito que faz acentuada distinção entre a Igreja e Israel."³ Darby concebeu a idéia de que a Igreja *não* foi profetizada no Velho Testamento. Por isso ele começou a ensinar que havia uma futura esperança para Israel fora da Igreja, baseada em sua suposição de que as promessas do concerto que Deus fez a Abraão e Israel eram incondicionais. Por conseguinte, teve de ser elaborada uma cronologia completamente nova dos acontecimentos finais, a fim de salvaguardar a premissa de uma esperança separada para Israel de-

pois que a Igreja tiver sido arrebatada da Terra para o Céu.

O conceito de Darby, de que constitui um grave erro do cristianismo histórico acreditar que a Igreja de Cristo Jesus é o verdadeiro Israel e que, portanto, ela herdou as promessas do concerto e as responsabilidades de Israel, ainda é a suposição fundamental do dispensacionalismo moderno.

É mister reconhecer o clima espiritual no começo do século dezoito, com seu liberalismo teológico, o desaparecimento de sua esperança no segundo advento de Cristo e sua crassa ignorância dos ensinamentos bíblicos, para compreender a rápida aceitação do Darbyismo. Guilherme E. Cox explica: "O ensino dos Irmãos, com sua ênfase à profecia e à segunda vinda de Cristo, satisfizesse uma necessidade na vida do povo espiritualmente faminto daquela geração. Não é difícil encher um vácuo!... Darby não somente retornou à fé que uma vez foi entregue aos santos — a qual, no consenso geral, tinha sido rejeitada e precisava ser recuperada — mas foi muito além dessa fé, introduzindo numerosos ensinamentos de sua própria invenção, de que nunca se ouvira falar até serem apresentados por ele."⁴

Entretanto, na década de 1920 muitos dirigentes do movimento fundamentalista começaram a achar que para ser fundamentalista — isto é, crer nos ensinamentos fundamentais das Escrituras Sagradas — tem-se de ser também, automaticamente, dispensacionalista. Assim o dispensacionalismo moderno, como sistema, surgiu como reação contra as espiritualizações da teologia literal do século dezoito. Originou-se dos ensinamentos de João N. Darby e é divulgado nas notas ao pé das páginas da *Scofield Reference Bible* (1917) e da *The New Scofield Reference Bible* (Nova Iorque: Oxford University Press, 1967). A teologia dispensacional é elaborada sistematicamente por Luís Sperry Chafer (suces-

sor de C. I. Scofield) em sua obra apologética *Systematic Theology* (8 volumes) e nos escritos de João F. Walvoord, atualmente diretor do Seminário Teológico de Dallas. O dispensacionalismo é ensinado por princípio no Instituto Bíblico Moody (Chicago) e calcula-se que também nuns duzentos outros institutos bíblicos dos Estados Unidos. A revista dos dispensacionalistas é *Bibliotheca Sacra*, herdada pelo Seminário Teológico de Dallas, em 1934.

Autores populares como Hal Lindsey, Salem Kirban e outros influenciaram sobre milhões de pessoas, por meio de seus escritos e filmes, para aceitarem o futurismo dispensacionalista — a guerra do "Armagedom" no Oriente Médio e um reino judaico de mil anos centralizado em Jerusalém — como o verdadeiro quadro profético do plano de Deus para o povo judeu e para o mundo.

O fato de que Darby foi o originador do sistema do dispensacionalismo não indica por si mesmo — é claro — se o sistema, *portanto*, é falso ou verdadeiro. A veracidade ou a falsidade do dispensacionalismo depende exclusivamente de sua harmonia ou desarmonia com as Escrituras Sagradas. A afirmação do dispensacionalista Harry A. Ironside de que os ensinamentos de Darby "quase não foram encontrados num só livro ou sermão durante um período de mil e seiscentos anos!"⁵ convida à investigação crítica da essência do dispensacionalismo — sua distintiva hermenêutica do literalismo.

A Hermenêutica do Literalismo

O dispensacionalismo constitui o sistema de interpretação da Bíblia que afirma que nas Escrituras os vocábulos "Israel" e "Igreja" sempre representam dois povos do concerto de Deus essencialmente diferentes: um reino terrestre, nacional e teocrático para Israel, mas para a Igreja apenas um lugar eterno

no Céu. Luis S. Chafer enunciou-o desta maneira: "O dispensacionalista crê que através dos séculos Deus está procurando alcançar dois propósitos distintos: um relacionado com a Terra e envolvendo pessoas e objetivos terrenos, ao passo que o outro se relaciona com o Céu e envolve pessoas e objetivos celestiais."⁶ Daniel P. Fuller infere corretamente: "A premissa básica do dispensacionalismo são dois propósitos de Deus expressos na formação de dois povos que conservam sua distinção por toda a eternidade."⁷

Em outras palavras, o dispensacionalismo mantém escatologias diferentes para "Israel" e para a "Igreja", tendo cada um deles suas próprias promessas do concerto, em contraste. A essência do dispensacionalismo, portanto, consiste em "dividir corretamente" as Escrituras, não apenas em divisões de tempo ou dispensações, mas também em seções das Escrituras que se aplicam ou a Israel ou à Igreja ou aos gentios, uma divisão derivada de I Coríntios 10:32. L. S. Chafer ensinou que as únicas partes das Escrituras dirigidas especificamente aos cristãos são o Evangelho de S. João, o livro de Atos e as Epístolas do Novo Testamento.⁸

O conflito final ou a tribulação de Apocalipse 6 a 20 é interpretado como ocorrendo entre o Anticristo e os judeus piedosos, e não entre o Anticristo e a Igreja de Cristo, porque, segundo declara J. F. Walvoord, "o livro, como um todo, não se ocupa originariamente do programa de Deus para a Igreja".⁹

O princípio fundamental do qual dimana essa divisão das Escrituras é chamado "literalismo coerente". Um de seus porta-vozes modernos, Carlos C. Ryrie, afirma categoricamente: "Visto que o literalismo coerente é o princípio de interpretação lógico e óbvio, o dispensacionalismo é mais do que justificado.

"O dispensacionalismo é o resultado da coerente aplicação do básico princípio hermenêutico de interpretação literal, normal ou simples. Nenhum outro sistema de teologia pode reivindicar isto.

"Literalismo coerente é o ângulo da escatologia dispensacional."¹⁰

As inferências desse princípio de literalismo têm grande projeção na teologia, especialmente

na escatologia. Ele requer o cumprimento literal das profecias do Velho Testamento, o qual, portanto, deve ocorrer durante algum período futuro na Palestina, "pois a Igreja não as está agora cumprindo nalgum sentido literal".¹¹ Assim, o literalismo conduz inevitavelmente ao futurismo dispensacional no tocante ao Israel nacional na interpretação profética.

De acordo com o dispensacionalismo, a Igreja de Cristo, a qual nasceu no dia de Pentecostes, conforme é relatado em Atos 2, não constitui absolutamente uma parte dos concertos de Deus com Abraão e Davi. A Igreja Cristã com seu evangelho de graça é apenas uma "interrupção" do plano original de Deus para Israel, um "parêntese" (H. Ironside) ou "intercalação" (L. S. Chafer), não previsto pelos profetas do Velho Testamento e não tendo nenhuma ligação com as promessas de Deus a Abraão, Moisés e Davi, de um reino terrestre.

De capital importância para o sistema dispensacionalista é a suposição de que Cristo Se ofereceu à nação de Israel como o Rei messiânico para estabelecer o glorioso reino *terrestre* prometido a Davi. Nessa suposição se baseia a inferência de que Cristo "adiou" Seu oferecimento do reino quando Israel O rejeitou como seu legítimo Rei. Cristo começou então a oferecer Seu reino da graça (S. Mateus 13 em diante) como transitório concerto de graça que terminaria quando Ele estabelecesse novamente a nação judaica como Sua teocracia. A Igreja de crentes regenerados precisa, pois, primeiro ser tirada deste mundo, por meio de repentino "arrebato" invisível para o Céu, antes que Deus possa cumprir Suas "incondicionais" promessas do Velho Testamento a Israel. A restaurada nação judaica será então lançada nas tribulações do "tempo de angústia de Jacó". Por conseguinte, o sistema dispensacionalista requer um arrebato da Igreja de Cristo antes da tribulação.

O dispensacionalismo assevera que as promessas do Concerto do Velho Testamento para Israel só podem ser cumpridas para a nação judaica (em todos os pormenores, da maneira como está escrito) durante o futuro milênio judaico de Apocalipse 20. Só então serão gloriosamente consumados os distintos e incondicionais propósitos de Deus para Is-

rael. Isso envolve necessariamente a reconstrução do templo de Jerusalém e o restabelecimento dos sacrifícios de animais em "comemoração" da morte de Cristo. Naquele tempo todas as nações reconhecerão que o Israel nacional é o povo favorecido de Deus. Ryrie declara: "Essa culminância milenar é o ponto culminante da História e o grande alvo do programa de Deus para os séculos."¹²

É bem claro, portanto, que o dispensacionalismo separa a Igreja de Cristo do total plano redentor de Deus para Israel e a humanidade, e restringe o futuro reino de Deus à restauração de um reino estritamente judaico — o chamado reino milenário.

Essa dicotomia entre Israel e a Igreja, entre o reino de Deus na Terra e a Igreja, entre o evangelho do reino de Jesus e o evangelho da graça, de Paulo, é o resultado lógico da adoção do princípio de interpretação literalista da profética Palavra de Deus.

A Chave do Velho Testamento: o Literalismo ou o Novo Testamento?

De acordo com Cristo e o Novo Testamento, é a hermenêutica dispensacional do "literalismo coerente" a genuína chave para interpretar o futuro cumprimento das profecias do Velho Testamento? A hermenêutica do literalismo está organicamente (isto é, genuína e intrinsecamente) relacionada com as próprias Escrituras Sagradas, ou constitui uma pressuposição que é imposta à Palavra de Deus do lado de fora, como "padrão objetivo"¹³, a fim de proteger a Bíblia contra injustificadas espiritualizações e alegorizações? O princípio "objetivo" para compreender a Palavra de Deus não deve ser extraído indutivamente do próprio relato inspirado?

O ponto fundamental é este: O crente cristão está autorizado a considerar os escritos do Velho Testamento como unidade independente por si mesmos e separada do testemunho de seu cumprimento no Novo Testamento, ou deve aceitar o Velho e o Novo Testamento *juntos*, como uma só revelação orgânica de Deus em Cristo Jesus?

O comentarista cristão está autorizado a interpretar o *Velho Testamento* como a completa e final revelação de Deus ao povo judeu, um cânon fechado, sem

permitir que Jesus Cristo seja o verdadeiro intérprete de Moisés e dos profetas, e não deixando que o Novo Testamento, como final revelação de Deus, tenha a suprema autoridade para interpretar as profecias do Velho Testamento de acordo com Cristo?

Em primeiro lugar, o Velho Testamento, por si mesmo, carece da norma orientadora de Jesus Cristo e Seus apóstolos para a compreensão cristã das Escrituras hebraicas. O princípio do "literalismo" é então introduzido nesse vácuo de um incompleto cânon das Escrituras para prover a orientadora norma de interpretação que Deus tencionava fosse provida por Cristo e o Novo Testamento. O próprio vocábulo "literalismo" tem um significado duvidoso se for definido como representando a literal ou normal exegese gramático-histórica do Velho Testamento, mas em seguida se exalta imediatamente essa exegese do Velho Testamento como a verdade definitiva dentro do cânon total da Bíblia, de modo que Cristo e o evangelho apostólico não tenham autoridade para desdobrar, modificar ou (re) interpretar as promessas do concerto do Velho Testamento.

Carlos C. Ryrie declara que o conceito dispensacional de revelação progressiva pode aceitar luz adicional, mas não que o vo-

cábulo "Israel" pode significar a "Igreja". Isto seria inaceitável "contradição" de expressões e conceitos.¹⁴ O dispensacionalismo nega que haja alguma relação orgânica entre a profecia do Velho Testamento e a Igreja de Cristo Jesus. Ele rejeita a aplicação tradicional das promessas relacionadas com o reino de Davi ao domínio espiritual de Cristo sobre Sua Igreja, porque isso seria interpretar a profecia alegoricamente, não de modo literal, e, portanto, ilegitimamente.

Uma pergunta decisiva é a seguinte: Os dispensacionalistas realmente aceitam o caráter orgânico da Bíblia como um todo, isto é, a unidade teológica e espiritual da revelação do Velho e do Novo Testamento?

Nossa idéia acerca do "literalismo" deve constituir a norma mais elevada para a compreensão do cumprimento final das profecias de Israel, ou o próprio Jesus Cristo deve ser nossa Norma para a cabal compreensão de todo o Velho Testamento? F. F. Bruce dá a resposta: "O uso que nosso Senhor faz do Velho Testamento pode muito bem servir de norma e padrão para nós na interpretação bíblica; e além disso, convém que os cristãos se lembrem de que uma parte da obra do Espírito Santo no presente é expor-lhes as Escrituras como o Cristo ressurreto fez pa-

ra os discípulos no caminho de Emaús."¹⁵ ■■

Bibliografia

1. *Backgrounds to Dispensationalism* (Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1977), pág. 9.
2. *Idem*, pág. 98. Grifo no original.
3. *Idem*, pág. 127.
4. *An Examination of Dispensationalism* (Filadélfia, PA: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1963), págs. 4 e 5.
5. *The Mysteries of God* (Nova Iorque: Loizeaux Bros., 1908), págs. 50 e 51, citado por D. P. Fuller em *Gospel and Law* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1980), pág. 13.
6. Chafer, "Dispensacionalismo", em *Bibliotheca Sacra* 93 (1936), pág. 448.
7. Fuller, *The Hermeneutics of Dispensationalism*. Dissertação não publicada. Northern Baptist Theological Seminary, Chicago, IL, 1957, pág. 25.
8. Chafer, *op. cit.*, págs. 406 e 407.
9. Walvoord, *The Revelation of Jesus Christ* (Chicago: Moody Press, 1967, 2ª edição), pág. 103.
10. C. C. Ryrie, *Dispensationalism Today* (Chicago: Moody Press, 1965), págs. 97, 96 e 158.
11. *Idem*, pág. 158.
12. *Idem*, pág. 104.
13. Ryrie, *op. cit.*, pág. 88, declara: "Que controle haveria da diversidade de interpretações que a imaginação humana poderia produzir se não houvesse um padrão objetivo provido pelo princípio literal?"
14. *Idem*, pág. 94.
15. *Baker's Dictionary of Theology* (Baker Book House, 1973), pág. 293.

O próximo artigo desta série considerará tais questões como: Quando realmente começou a Igreja de acordo com Cristo? Como Cristo e os escritores do Novo Testamento aplicam os antigos concertos de Deus com Abraão, Israel e Davi? O Novo Testamento apresenta a Igreja como o "Israel de Deus" e herdeira de todas as bênçãos do concerto prometidas por Deus para o presente e o futuro?

"Que Tenhas Saúde..."

DRA. IRMA B. VYHMEISTER

Hoje em dia, em todas as esferas sociais, há uma ênfase de manter-se fisicamente sadio. Este conceito era conhecido e já se praticava na antiguidade. Os gregos educavam seus filhos nos esportes não somente para ganhar uma vitória, mas também para manter a saúde do corpo e da mente.

"Que tenhas saúde..." foi o desejo expressado pelo apóstolo João para Gaio, e é hoje também o ideal de Deus para Sua Igreja.

Ellen White salienta que "a saúde é um tesouro. É de todas as posses temporais a mais preciosa."¹ E a saúde abrange não somente nosso corpo, mas também a mente, nossa relação para

com os demais seres humanos e especialmente nossa dependência para com Deus. "Riqueza, ilustração e honra são adquiridas ao elevado preço da perda do vigor da saúde. Nada disso pode assegurar felicidade, se falta a saúde."² "Logo é bem empregado o tempo que se usa no estabelecer e preservar a saúde física e mental."³

Obedecer às leis da saúde, assim como às leis do trânsito, nos garante uma vida livre de acidentes ou enfermidades. Há tantas coisas variáveis que não podemos controlar, como o próprio caminho, os outros viajantes, a visibilidade, etc. No entanto, há menor risco de acidentes

se forem fielmente seguidas as leis do trânsito. Assim, também, os princípios de saúde, praticados diariamente, tornarão nossa vida mais abundante e proveitosa, diminuindo ao mesmo tempo o risco de enfermidades e mal-estar.

Não se requer muito dinheiro nem grande esforço para nos mantermos sadios. Há uma série de fatores naturais que bem podemos seguir para resguardar assim nossa vida.

1 Respiremos Ar Puro

Nem todos temos o privilégio de viver no campo, onde o ar se renova constantemente. As árvo-

res e as plantas processam em suas folhas o anidrido carbônico que se desprende da respiração dos seres humanos, dos animais, das plantas, das indústrias, da fumaça dos cigarros e charutos, dos automóveis e de outras fontes. É um constante trabalho de limpeza do ar que mantém baixo o nível de anidrido carbônico e eleva o oxigênio ao nível normal.

O intercâmbio desses gases em nossos pulmões é constante e permite a purificação do sangue que promove a saúde dos tecidos e a respiração interna das células.

Cada igreja deve planejar passeios a bosques e lagos onde, em meio à Natureza, se pode respirar ar puro e vivificante. Você tem feito isso ultimamente? E planejou para a comunidade um curso para deixar de fumar?

2. Bebamos Água Pura

É-nos declarado que tanto na saúde como na enfermidade a água constitui uma bênção. Sem água só podemos viver poucos dias. De 50 a 70% de nosso corpo é água. E deve-se manter esse nível.

Exteriormente a água nos ajuda a manter a higiene em nosso lar e em nosso corpo. Deve ser usada abundantemente.

As bebidas gasosas carbonadas, com ou sem cafeína, estão tomando o lugar da água. Aonde quer que formos, grandes cartazes exaltam as virtudes dessas bebidas para refrescar o corpo e mitigar a sede. Milhões de cruzeiros são gastos na compra dessas bebidas que contêm água, açúcar, saborizantes e corantes artificiais, ácidos, especialmente o fosfórico, e mui poucas incluem pequena quantidade de suco de fruta.

A água pura, de valor monetário mínimo em comparação com outras bebidas, promove a saúde, mantém os tecidos hidratados, não altera os processos das células nem introduz substâncias artificiais no organismo.

Organize uma campanha pró-água, com seminários e aulas para seu uso interno e externo.

De manhã, ao levantar-se, beba um ou dois copos de água. Sentir-se-á muito melhor durante o dia.

3. Gozemos a Luz do Sol

Na Natureza a luz do Sol faz crescer as plantas. Pelo processo da fotossíntese, a radiante luz

solar é absorvida pelas folhas e se transforma e se acumula nas substâncias alimentícias, como os hidratos de carbono que se formam, e essa energia mantém a vida da criação.

Além disso, os raios ultravioleta do Sol formam em nossa pele a vitamina D, que ajuda no processo de absorção do cálcio que ingerimos nos alimentos. O cálcio é o principal componente dos ossos e dos dentes. A constante absorção de cálcio mantém inteiro o sistema ósseo, para assim nos movermos e andarmos eretos. Também conserva o equilíbrio interno necessário para viver.

Uns poucos minutos por dia são suficientes para formar a vitamina D necessária. Excessiva exposição ao Sol pode aumentar a suscetibilidade para o câncer da pele.

4. Façamos Exercício Diário

Mas..., e se não temos tempo? E que diremos das campanhas, da preparação de sermões, das comissões, dos problemas, etc.?!

A realidade é que todos somos os mordomos de nosso tempo. Aproveite certos momentos para andar em vez de usar um veículo. Quando uma comissão durar várias horas deve haver intervalos. Nestes, ande, mova-se, beba água. As decisões, mais tarde, serão tomadas com mais facilidade.

O exercício é uma lei da vida. Fomos feitos para mover-nos e usar os músculos. Se deixarmos um membro sem movimento por muito tempo, esse membro se debilita. O exercício ativa os músculos e permite um movimento mais rápido do sangue para o coração.

De todos os exercícios, andar é o mais proveitoso. A toda hora, de manhã, depois das refeições, ao entardecer, uma caminhada ativa os músculos, a circulação, a respiração, e facilita a digestão. Todos: anciãos, adultos, jovens e crianças, podem andar. Outros exercícios, como trotar ou correr, devem ser iniciados com cuidado para não exceder a capacidade do organismo. Calistenia e outros exercícios também são valiosos. Caminhe com sua família até o parque ou até à montanha, ou pelo campo ou nos arredores da cidade.

Cada igreja deve ser uma igreja ativa. Forme um clube de saúde ou de exercício. Planeje diversas atividades com os jovens e

adultos, com as crianças e com os anciãos. Muitos dos problemas físicos e mentais poderiam ser minorados pelo exercício físico. Promova-o.

5. Descansemos Bem

Devemos dormir entre sete e oito horas diárias. Nosso sistema nervoso necessita disso. É economia mal entendida trabalhar em excesso por mais horas que as necessárias. O tempo para descansar e dormir é sagrado, embora às vezes pareça ser um desperdício. Mas não é assim.

6. Alimentemo-nos Bem

Alimentação adequada não significa comer alimentos caros, escassos ou exóticos. Alimentos simples, bem preparados, nutrem devidamente o organismo. Com legumes (leguminosas), cereais, frutas e verduras, com um pouco de nozes ou sementes oleaginosas, pode-se preparar uma infinidade de pratos. Combinados com ciência e servidos com arte, contribuem para nosso bem-estar físico, mental e espiritual. Aprender a preparar comidas deliciosas, bem como simples e nutritivas, é uma ciência e uma arte que todos — homens e mulheres — podem e devem aprender. Já planejou um curso de nutrição na igreja?

7. Sejamos Moderados em Tudo

Até mesmo as coisas boas, como a água, o ar, o sol, o exercício e o descanso, se forem usados em excesso, podem causar efeitos prejudiciais, a curto ou a longo prazo. Para funcionar bem, nosso organismo necessita que tudo lhe seja suprido a seu tempo, e em quantidade moderada. Disse Salomão: "Ditoso é o país... cujos governantes comem na hora certa, para refazerem as forças, e não para se embebedarem."⁴

Além disso, não se deve usar o que causa dano. O povo adventista recebeu instruções sobre os efeitos de fumar, do alcoolismo e do uso de drogas, problemas encontrados na sociedade hoje em dia.

Planejou programas para a juventude sobre o problema dos tóxicos? Sua igreja oferece à comunidade um programa para deixar de fumar? Ou um programa de reabilitação alcoólica? Ou um programa para diminuir de peso?

Estude estas possibilidades.

Eduque os membros da igreja. Eles serão muito úteis para esta espécie de atividades.

8. Tenhamos Confiança em Deus

O conceito de saúde não está completo sem a alusão a Deus, o Criador da vida. Temos em nossa igreja grupos de oração? Grupos de estudo em que se possa reforçar e aprofundar o conhecimento da Bíblia e dos livros escritos para nós como um povo? Círculos de leitura da Bíblia e de outros livros para a Igreja? Todos os membros da Igreja devem

estar dinamicamente empenhados em atividades que lhes permitam crescer cada dia. A devoção pessoal, a sós diariamente, o contato contínuo com Deus em todas as nossas atividades, tudo isso promoverá a saúde do corpo e da alma. ❧

Referências

1. *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 20.
2. *Ibidem*.
3. *Idem*, pág. 15.
4. *Eclesiastes 10:17 (Dios Habla Hoy*, Versão popular).

“Arquive-me Sob o Item ‘Miscelânea’”

CHERRY B. HABENICHT

A classe de Arquivamento, uma matéria exigida no Curso de Secretariado, reunia-se no quarto andar. Uma vez por semana, à tarde, eu subia os setenta e quatro degraus até lá para passar três horas aprendendo a arquivar alfabética, numérica e incessantemente.

Entre na sala de aula e sentei-me junto a uma mesa com uma caixa de cartões classificados como “HALSEY, Patrícia”. Durante o resto da tarde lidei com aquela caixa, mudando para cá e para lá cartões 3 x 5, de A a Z. Ainda me lembro de uma das regras do arquivamento: “*Algo vem antes de nada.*”

Por volta das cinco horas da tarde eu ficava com os dedos insensíveis, os olhos embaçados e o cérebro embaralhado. Tirei um A no curso e resolvi organizar minha vida, mas não conseguí decidir se o faria numericamente, alfabeticamente ou por assunto.

Ainda não havia chegado a uma decisão no meu último ano letivo, pois precisava encontrar primeiro um marido para preencher o “nada” que viria depois do “algo” no colégio.

Foi então que tive conhecimento com um aluno de Teologia, na biblioteca. Depois de dois encontros, ele anunciou para seu colega de quarto: “Vou casar

com aquela moça”. Mas, quando mencionou isso para mim, fiquei perplexa. Precisava de mais tempo para organizar e arquivar meus sentimentos. Eles eram amor ou paixão? Dentro de um ano, eu colocara todos os meus pensamentos firmemente sob o item AMOR, e casamo-nos com a mínima preparação, pois fiquei exausta de tanto labutar como preceptora de um internato até uma semana antes de nosso casamento. Casamo-nos assim mesmo, e passamos a residir num apartamento de subsolo enquanto meu marido concluía o Curso Teológico.

Estando ainda convencida da utilidade de classificar e arquivar, coleí pequenas etiquetas nas gavetas de sua cômoda: “Camisas”, “Roupa de Baixo”, “Meias”, na esperança de que isso o estimulasse a jogar sua roupa nas gavetas, e não debaixo da cama. Ele riu e me beijou enquanto chutava os sapatos para um canto.

Mas permaneci firme quanto à questão de que o “BEBÊ” devia vir depois do “COLÉGIO” e do “SEMINÁRIO”. Nós transigimos (ou melhor, eu capitulei) e colocamos o “BEBÊ” entre os dois (quer dizer, no meio do “SEMINÁRIO”), o que desequilibrou nossas finanças e recompôs nossa vida.

Em consonância com o aspecto desorganizado que minha vida tinha tomado, nosso filho chegou três semanas mais cedo e antes de eu receber o cheque denominado “Layette” (enxoval de recém-nascido). Enquanto eu estava no hospital e me preocupava com as fraldas, meu marido e a esposa de um amigo compraram alguns artigos de primeira necessidade e levamos Daniel Scott para casa e o pusemos num cesto de roupas.

Dois anos e nove meses mais tarde, raspei a tinta de um berço de segunda mão e dei-lhe uma nova pintura com esmalte sem chumbo, mas nossa filha, Patrícia Joana, chegou antes de eu pintar a última perna do berço. Isso constituiu uma pobre lembrança de minhas tentativas para fazer as coisas “com decência e ordem”.

Treze anos desapareceram na névoa do passado, e ainda estou lutando para acompanhar o ritmo da vida. Mas continuo procurando pôr em prática as técnicas de organização que aprendi, e sou recompensada por interrogações como estas:

— Querida, onde você pôs o livro que eu estava lendo?

— Que livro?

— O livro amarelo com o título em letras de cor marrom.

— Qual é o título?

— Não consigo lembrar.

Ou em tom bem alto:

— Querida, não consigo achar meu sermão!

Ou ainda:

— Onde estão os formulários do imposto deste ano?

— No arquivo, sob a letra “I” para “Imposto de Renda”.

— Oh! Eu os procurei sob a letra “R” para “Renda”. É isso que acontece com os sistemas de arquivamento. Não se consegue encontrar coisa alguma.

— Deixe que eu os procure para você.

Assim, damos cabeçadas acima das gavetas do arquivo, ou elimino metade dos endereços guardados por ele, que constituem uma coleção de nomes e endereços rabisçados em qualquer coisa, desde programas fúnebres até guardanapos de papel.

No meio desses choques de estímulos de vida, procuro definir o papel da esposa de um pastor, de modo que possa organizar minha vida de acordo com isso, mas sofro interrupções por telefonemas como estas: “Traga

Orações da Casa Pastoral

PATRÍCIA MAXWELL

uma salada para o almoço nas dependências da igreja"; "A organista não está aqui hoje. A senhora poderia tocar?"

— Querida, posso levar o Sr. Thrombortner para almoçar em casa daqui a uns quinze minutos?

— Quem é o Sr. Thrombortner?

— Oh! Encontramo-nos pela primeira vez esta manhã.

E eu sei, pelo que *não* foi declarado, que o referido senhor está sentado a um metro do telefone. Replico, portanto:

— Como não!

E, enquanto rodopio pela geladeira e os armários, orando e procurando um cardápio para o almoço, esqueço se havia decidido que a esposa de um pastor deve ser do tipo de alguém que permanece junto ao fogão, ou de quem se coloca na linha de frente. Não sei também se obtive todos os meus direitos femininos, e muito menos o que determina meu bom senso, ou se me sinto realizada, ou se alcancei todos os meus alvos pessoais, ao ser arremessada duma crise para outra. Nos dias que realmente são desditosos, chego a pensar que teria sido melhor que me houvesse casado com um encanador que ganha 15 dólares por hora, e que trabalha das oito da manhã às cinco da tarde, do que com um pregador que sempre tem de estar a postos. Mas eu não trocaria a excitação dessa vocação cheia de imprevistos por milhares de serões de enfadante aconchego diante da T.V. ❧

Ao contrário dos Índios e Peregrinos que prepararam aquela primeira refeição de Ação de Graças, não dependo de colheitas locais para o cardápio do jantar. Posso usar arandos de Massachusetts e nozes de nogueira da Califórnia, trigo da Dakota do Norte e laranjas da Flórida, ou alimentos de muitas partes remotas.

Gosto de pensar como esses produtos chegam ao nosso lar. Tantas pessoas estão envolvidas na plantação, no cultivo, na colheita e no acondicionamento dos alimentos que ingerimos! Para algumas dessas pessoas o trabalho é agradável, mas para outras constitui um penoso meio de ganhar dinheiro. O lavrador e o colhedor, o operário e o motorista de caminhão, o gerente dum armazém e o carregador têm labutado para trazer variedade à nossa mesa. Assim como eu aprecio a meta da auto-sufi-

ciência, também dou muito valor a sua audácia e cooperação.

"Enquanto durar a Terra não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite." Gên. 8:22.

Acima de tudo, querido Deus, é Teu poder que dá e sustenta a vida. Tuas leis controlam o delicado equilíbrio da Natureza. Tua generosidade provê mais do que o "pão nosso de cada dia".

Muito obrigado por esta bela Terra com seus climas e solos diferentes! Muito obrigado pelas boas colheitas — da parte de pessoas que cultivam um pé de tomate num vaso até às que amanhã milhares de acres! Muito obrigado pela abundância de bons alimentos que promovem a saúde e proporcionam satisfação!

No Dia de Ação de Graças eu me alegro em Tuas dádivas e peço um coração generoso e disposto a partilhar. ❧

ÍNDICE DE 1982

ASSUNTOS

Antecedentes Para o Juízo Investigativo	
Antecipando a Música do Céu	
"Arquive-me sob o Item 'Miscelânea'"	
Autores Bíblicos, Os... e o Uso de Outras Fontes Além da Revelação	
Carismáticos e Católicos	
Caso de Amor, Um Novo...	
Carta Aberta a Deus	
Como Crescem as Igrejas	
Como Tornar Interessante a Reunião Missionária	
Concluindo o Sermão	
Creio em Jesus Cristo	
Criança. Ver a Seção "Os Cordeirinhos do Rebanho"	
Cronologia	
Decisões, Tomar...	
Descobertas em Elefantine e a Cronologia Posterior ao Exílio	

MESES PÁG.

Nov-Dez	13
Jul-Ago	4
Nov-Dez	19
Jan-Fev	16
Jul-Ago	7
Mai-Jun	6
Set-Out	3
Mai-Jun	11
Set-Out	16
Nov-Dez	10
Jul-Ago	16
Jul-Ago	19
Jul-Ago	10
Jul-Ago	19

ASSUNTOS

	MESES	PÁG.
Dispensacionalismo, A Essência do...	Nov-Dez	15
Doutrina, A... das Origens	Mai-Jun	16
Doze Anos Numa Igreja	Jan-Fev	7
Ellen G. White e o Uso de Outras Fontes Além das Visões	Mar-Abr	20
Escritura, A... é por Inspiração de Deus	Mar-Abr	16
Espiritualidade, O Pastor e sua...	Set-Out	10
Espírito de Profecia. Ver a Seção com este título.		
Esposa, A... do Pastor. Ver a Seção com este título.		
Essência, A... do Dispensacionalismo	Nov-Dez	15
Estimulante, Seu... Está-lhe Abatendo o Ânimo?	Jul-Ago	12
Evangelista nas Residências	Jul-Ago	15
Êxito, Por que Tão Pouco...?	Mai-Jun	8
Igreja, Doze Anos Numa...	Jan-Fev	7
Igrejas, Como Crescem as...	Mai-Jun	11
Inspiração, A Escritura é por... de Deus	Mar-Abr	16
Inspiração — Revelação	Jan-Fev	13
Intimidade, Trajeto em Direção à...	Jan-Fev	4
Jesus Cristo, Creio em...	Jul-Ago	16
Juízo Investigativo, Antecedentes Para o...	Nov-Dez	13
Lugar, O... da Criança no Culto	Mar-Abr	14
Lugar, O... da Mulher no Ministério	Set-Out	18
Lute Mais um "Round"!	Jan-Fev	3
Mais Uma Expressão de Seu Amor	Jul-Ago	3
Medicina, A... na Antiga Babilônia	Set-Out	21
Meios Visuais, O Pregador e os...	Jan-Fev	19
Miguel Ângelo: Teólogo Poético	Mai-Jun	23
Mil Dias de Colheita	Nov-Dez	3
Ministério, Partilhando o...	Set-Out	8
Ministério Profético	Set-Out	14
Mudar-se Quase Pode Ser Divertido	Mar-Abr	9
Mulher, O Lugar da... no Ministério	Set-Out	18
Música, Antecipando a... do Céu	Jul-Ago	4
Não Estou Mais com Medo	Set-Out	12
Novo Conceito da Esposa do Pastor	Jan-Fev	9
Ocupando-nos dos Grandes Feitos de Deus	Mai-Jun	19
Orações da Casa Pastoral	Nov-Dez	20
Origens, A Doutrina das...	Mai-Jun	16
Pastor, O. Ver a Seção com este título.		
Partilhando o Ministério	Set-Out	14
"Por Modo Assombrosamente Maravilhoso me Formaste"	Set-Out	6
Por que Joãozinho Não Consegue Prestar Atenção ao Sermão?	Jan-Fev	11
Por que Tão Pouco Êxito?	Mai-Jun	8
Pregação, A. Ver a Seção com este título.		
Pregador, O... e os Meios Visuais	Jan-Fev	19
Quando o Pastor Fica Extenuado	Jan-Fev	21
Que é Sacrifício?	Nov-Dez	4
"Que Proveito Vou Tirar Disso?"	Mar-Abr	6
"Que Tenhas Saúde..."	Nov-Dez	17
Regulagem Pastoral	Mar-Abr	12
Renovação	Mai-Jun	22
Residências, Evangelista nas...	Jul-Ago	15
Reunião Missionária, Como Tornar Interessante a...	Set-Out	16
Revelação	Jan-Fev	13
Revelação, Os Autores Bíblicos e o Uso de Outras Fontes Além da...	Jan-Fev	16
Sacrifício, Que é...?	Nov-Dez	4
Saúde. Ver as Seções "A Saúde do Pastor" e "Saúde e Religião".		
"Se Eu Encontrasse Aquele que Inventou o Trabalho...!"	Mai-Jun	3
Sendo Amigas	Set-Out	11
Sermão, Concluindo o...	Nov-Dez	10
Sermão, Por que Joãozinho Não Consegue Prestar Atenção ao...	Jan-Fev	11
Seu Estimulante Está-lhe Abatendo o Ânimo?	Jul-Ago	12
Sonho, Um... Perturbador à Noite	Nov-Dez	8

ASSUNTOS

Teologia. Ver a Seção com este título.
Tesouro em Vasos de Barro
Tomar Decisões
Trajeto em Direção à Intimidade
Ver Para Crer
Vinte "Nãos" Para Jovens Pastores

MESES PÁG.

Mar-Abr 4
Jul-Ago 10
Jan-Fev 4
Mar-Abr 3
Mai-Jun 5

AUTORES

Aeschlimann, Carlos

Renovação

Mai-Jun 22

Belvedere, Daniel

Lute Mais um "Round"!

Jan-Fev 3

Mais Uma Expressão de Seu Amor

Jul-Ago 3

Mil Dias de Colheita

Nov-Dez 3

"Se Eu Encontrasse Aquele que Inventou o Trabalho...!"

Mai-Jun 3

Ver Para Crer

Mar-Abr 3

Cooper, Vitor

O Pregador e os Meios Visuais

Jan-Fev 19

Dederen, Raoul

Carismáticos e Católicos

Jul-Ago 7

Creio em Jesus Cristo

Jul-Ago 16

Dolson, Leo R. Van

Seu Estimulante Está-lhe Abatendo o Ânimo?

Jul-Ago 12

Dudley, Roger

Como Crescem as Igrejas

Mai-Jun 11

Dudley, Roger e Carole Luke Kilcher

Novo Conceito da Esposa do Pastor

Jan-Fev 9

Ferraz, Itanel

Como Tornar Interessante a Reunião Missionária

Set-Out 16

Flowers, Ron

Trajeto em Direção à Intimidade

Jan-Fev 4

Habenicht, Cherry B.

Orações da Casa Pastoral

Nov-Dez 20

Hackett, W. J.

Tomar Decisões

Jul-Ago 10

Holmes, C. Raymond

Evangelista nas Residências

Jul-Ago 15

Holt, B. Russell

Por que Joãozinho Não Consegue Prestar Atenção ao Sermão?

Jan-Fev 11

Horn, Siegfried H.

Descobertas em Elefantine e a Cronologia Posterior ao Exílio

Jul-Ago 19

Howse, Kevin J.

Quando o Pastor Fica Extenuado

Jan-Fev 21

Inglis, A. D.

Por que Tão Pouco Êxito?

Mai-Jun 8

Japas, Salim

Antecedentes Para o Juízo Investigativo

Nov-Dez 13

Johns, Warren H.

A Doutrina das Origens

Mai-Jun 16

A Escritura é por Inspiração de Deus

Mar-Abr 16

Kilcher, Carole Luke e Roger Dudley

Novo Conceito da Esposa do Pastor

Jan-Fev 9

Knowles, Lillian

Não Estou Mais com Medo

Set-Out 12

LaRondelle, Hans K.

A Essência do Dispensacionalismo

Nov-Dez 15

Maxwell, Patrícia

"Arquive-me sob o Item 'Miscelânea'"

Nov-Dez 19

Osborn, João

Concluindo o Sermão

Nov-Dez 10

Patterson, Roberto Allen

Miguel Ângelo: Teólogo Poético

Mai-Jun 23

AUTORES

	MESES	PÁG.
Pereyra, Elbio		
Ellen G. White e o Uso de Outras Fontes Além das Visões	Mar-Abr	20
Inspiração-Revelação	Jan-Fev	13
Ministério Profético	Set-Out	8
Ocupando-nos dos Grandes Feitos de Deus	Mai-Jun	19
Os Autores Bíblicos e o Uso de Outras Fontes Além da Revelação	Jan-Fev	16
Ramos, Samuel		
O Pastor e sua Espiritualidade	Set-Out	10
Rees, Mel		
Que é Sacrifício?	Nov-Dez	4
Rhodes, João		
Um Sonho Perturbador à Noite	Nov-Dez	8
Rider, Hattie Lee		
Sendo Amigas	Set-Out	11
Roth, Daniel F.		
Vinte "Nãos" Para Jovens Pastores	Mai-Jun	5
Schwantes, S. J.		
A Medicina na Antiga Babilônia	Set-Out	21
Smith, Dunbar W.		
Regulagem Pastoral	Mar-Abr	12
Spaeth, Harry		
Partilhando o Ministério	Set-Out	14
Spangler, Roberto		
Carta Aberta a Deus	Set-Out	3
Souza, Jonas Pinho de		
O Lugar da Criança no Culto	Mar-Abr	14
Streib, Sally		
Um Novo Caso de Amor	Mai-Jun	6
Todorovich, João		
"Que Proveito Vou Tirar Disso?"	Mar-Abr	6
Valley, Clinton A.		
Antecipando a Música do Céu	Jul-Ago	4
Veloso, Mário		
O Lugar da Mulher no Ministério	Set-Out	18
Versteeg, Norman		
Doze Anos Numa Igreja	Jan-Fev	7
Vyhmeister, Irma de		
"Por Modo Assombrosamente Maravilhoso me Formaste"	Set-Out	6
"Que Tenhas Saúde..."	Nov-Dez	17
Westfall, Bette		
Mudar-se Quase Pode Ser Divertido	Mar-Abr	9

SEÇÕES

A Esposa do Pastor		
"Arquive-me sob o Item 'Miscelânea'"	Nov-Dez	19
Mudar-se Quase Pode ser Divertido	Mar-Abr	9
Não Estou Mais com Medo	Set-Out	12
Novo Conceito da Esposa do Pastor	Jan-Fev	9
Orações da Casa Pastoral	Nov-Dez	20
Sendo Amigas	Set-Out	11
Um Novo Caso de Amor	Mai-Jun	6
A Pregação		
Concluindo o Sermão	Nov-Dez	10
O Pregador e os Meios Visuais	Jan-Fev	19
Arqueologia		
A Medicina na Antiga Babilônia	Set-Out	21
Descobertas em Elephantine e a Cronologia Posterior ao Exílio	Jul-Ago	19
A Saúde do Pastor		
Quando o Pastor Fica Extenuado	Jan-Fev	21
Regulagem Pastoral	Mar-Abr	12

SEÇÕES**MESES PÁG.****Editorial**

Carta Aberta a Deus	Set-Out	3
Lute Mais um "Round"!	Jan-Fev	3
Mais Uma Expressão de Seu Amor	Jul-Ago	3
Mil Dias de Colheita	Nov-Dez	3
"Se Eu Encontrasse Aquele que Inventou o Trabalho...!"	Mai-Jun	3
Ver Para Crer	Mar-Abr	3

Espírito de Profecia

Ellen G. White e o Uso de Outras Fontes Além das Visões	Mar-Abr	20
Inspiração-Revelação	Jan-Fev	13
Ocupando-nos dos Grandes Feitos de Deus	Mai-Jun	19

Evangelismo

Evangelista nas Residências	Jul-Ago	15
-----------------------------	---------	----

Obra Pastoral

Como Crescem as Igrejas	Mai-Jun	11
Como Tornar Interessante a Reunião Missionária	Set-Out	16
Partilhando o Ministério	Set-Out	14
Por que Tão Pouco Êxito?	Mai-Jun	8
Tomar Decisões	Jul-Ago	10

Os Cordeirinhos do Rebanho

O Lugar da Criança no Culto	Mar-Abr	14
Por que Joãozinho Não Consegue Prestar Atenção ao Sermão?	Jan-Fev	11

O Pastor

Doze Anos Numa Igreja	Jan-Fev	7
Ministério Profético	Set-Out	8
O Pastor e sua Espiritualidade	Set-Out	10
"Que Proveito Vou Tirar Disso?"	Mar-Abr	6
Renovação	Mai-Jun	22
Tesouro em Vasos de Barro	Mar-Abr	4
Trajeto em Direção à Intimidade	Jan-Fev	4
Vinte "Nãos" Para Jovens Pastores	Mai-Jun	5

Saúde e Religião

"Por Modo Assombrosamente Maravilhoso me Formaste"	Set-Out	6
"Que Tenhas Saúde..."	Nov-Dez	17
Seu Estimulante Está-lhe Abatendo o Ânimo?	Jul-Ago	12

Teologia

A Doutrina das Origens	Mai-Jun	16
A Escritura é por Inspiração de Deus	Mar-Abr	16
A Essência do Dispensacionalismo	Nov-Dez	15
Antecedentes Para o Juízo Investigativo	Nov-Dez	13
Creio em Jesus Cristo	Jul-Ago	16
Ellen G. White e o Uso de Outras Fontes Além das Visões	Mar-Abr	20
Ocupando-nos dos Grandes Feitos de Deus	Mai-Jun	19
O Lugar da Mulher no Ministério	Set-Out	18
Os Autores Bíblicos e o Uso de Outras Fontes Além da Revelação	Jan-Fev	16

Evangelismo é o próprio coração do Cristianismo e tema de importância capital para quantos são chamados a fim de proclamar a derradeira mensagem de advertência que Deus faz ao mundo condenado.

MINISTÉRIO

Uma Revista para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA

NOV/DEZ 82



NÚMERO 6